



atos

do conselho geral

ano LXXIII abril-junho 1992

N.º 340

órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana

ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO

atos

do Conselho Geral da Sociedade Salesiana de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

N. 340

ano LXXIII

abril-junho

1992

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 P. Egídio VIGANÓ O estímulo profético do Sínodo sobre a Europa	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 P. Juan E. VECCHI A significatividade da presença salesiana	34
	2.2 P. Antonio MARTINELLI Elementos e linhas para um Projeto Leigos <i>Apontamentos para as comunidades</i>	41
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	Não constam neste número	
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor	52
	4.2 Crônica do Conselho Geral	53
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Decreto sobre as virtudes heróicas do Servo de Deus Vincenzo Cimatti.	56
	5.2 XV Semana de Espiritualidade da Família Salesiana	60
	5.3 Decreto de ereção canônica da Inspeção Salesiana do Andhra Pradesh (Índia)	62
	5.4 Decreto de ereção canônica da Inspeção Salesiana das Filipinas (Sul) e Indonésia	63
	5.5 Novos Inspectores	64
	5.6 Estatísticas do pessoal salesiano em 31.12.91	66
	5.7 Irmãos falecidos	68

EDITORA SALESIANA DOM BOSCO

Rua Dom Bosco, 441

03105 — São Paulo — SP

Fone: (011) 277-3211

Telex: 11 32341 ESPS BR

Fax: (011) 279-0329

O ESTÍMULO PROFÉTICO DO SÍNODO SOBRE A EUROPA

Introdução. - O Sínodo dos Bispos da Europa. - Desmoronamento das ideologias?
- Exortação à magnanimidade apostólica. - Caminhos novos por percorrer.
- O imutável centro propulsor. - Papel dos Religiosos e protagonismo dos jovens.
- O envolvimento salesiano. - Conclusão.

Roma, Quarta-feira de Cinzas,
4 de março de 1992

Queridos irmãos,

na quaresma preparamo-nos com intensidade para a contemplação do mistério pascal. Nele se concentra toda a nossa fé e dele partem todas as perspectivas da nossa missão. Desejo a todas as comunidades um clima espiritual de interioridade pascal, cultivada pelo Diretor e cada um dos irmãos, como luz e energia para os itinerários programados de educação dos jovens na fé.

Espero que neste clima se dê especial destaque à última circular sobre nosso empenho pelas vocações.

Nos dados estatísticos da Congregação que se referem a 1991 há um ponto alarmante em relação ao número dos noviços: uma queda de mais de 80 respeito ao ano anterior. Algumas razões poderiam também explicar o fenômeno: duas ou três Inspe-

torias, por exemplo, visando a uma reorganização das etapas formativas, suspenderam o noviciado. O dado negativo, porém, permanece como um aviso que conclama a um trabalho mais intenso e partilhado de pastoral juvenil segundo o CG23.

Temos urgência de vocações mais numerosas e qualificadas porque há muita juventude que tem necessidade do carisma de Dom Bosco, e muitas Igrejas locais no-lo pedem com insistência.

De todos os continentes chegam-nos freqüentes pedidos.

Ultimamente, depois das grandes mudanças no leste europeu, já nos empenhamos com presenças corajosas e de fronteira. Assim o Administrador Apostólico da Rússia européia, Mons. Tadeusz Kondrusiewicz, engajou bom número de irmãos nos territórios a ele confiados; além disso — a convite das autoridades civis —, a Inspetoria de Veneza abrirá em Moscou uma escola profissional.

O Administrador Apostólico da Sibéria, Mons. Joseph Werth, que reside em Novosibirsk, convidou-nos também com insistência e confiou-nos a cidade de Aldan (muito mais a leste), que ficará sob a generosa responsabilidade da Inspetoria de Bratislávia (Eslováquia).

Iremos também à Albânia, onde a Sé Apostólica solicitou-nos várias presenças: uma escola profissional em Tirana e um centro catequético em Scutari. Já se empenharam nesta tarefa algumas Inspetorias da Itália e a Inspetoria da Eslovênia.

Vou ficar por aqui, porque se formos aos outros continentes os pedidos se contam, não estou a exagerar, em centenas.

Mas, além das exigências destas presenças novas, urge outrossim a renovação das presenças antigas, que requerem, para uma autêntica incisi-

vidade evangelizadora, uma qualificada injeção de forças jovens. Nós seguimos a Dom Bosco que sempre nos fez ir para a frente, não, porém, de maneira dispersiva. Ele acompanhava sua magnanimidade com confiança na Providência, alimentada por forte espiritualidade, e com empenho solícito e quotidiano pelas vocações, convencido da presença fecundante do Espírito de Deus.

A urgência maior de vocações provém da imensidade atual da messe. Os Pastores rezam e exortam; não se concentram somente nas estruturas apostólicas de ontem, não se encerram no aprisco, mas olham com zelo para o mundo de hoje com seus incontáveis e prementes desafios; consideram-nos como pastores, não para desanimar, mas para enfrentá-los.

Do Vaticano II para cá, nos Sínodos, nas Conferências episcopais, nas viagens papais, nas orientações do magistério, o Sucessor de Pedro e os Bispos nos falam de arrojo profético. Sentem o forte sopro do Espírito que lança o Povo de Deus a um novo começo rumo ao terceiro milênio da fé.

É com esta inquietude de paixão apostólica que quereria apresentar-lhes algumas reflexões sobre o recente Sínodo dos Bispos da Europa. Elas podem iluminar-nos a todos, ainda que atuantes em outros continentes, quanto aos caminhos que se devem seguir para a Nova Evangelização.

Celebrar-se-á dentro de pouco tempo a 4ª Assembléia episcopal latino-americana em São Domingos, e o Sínodo africano. Estes e outros eventos eclesiais estimulam-nos a trilhar, com coragem e sabedoria, novos caminhos.

O Sínodo dos Bispos da Europa

Anunciado inesperadamente pelo Papa em Velehrad (Morávia), em 22 de abril de 1990, realizou-se no Vaticano, de 28 de novembro a 14 de dezembro de 1991. Participaram os Bispos representantes de todos os países europeus, também da Turquia. Estavam presentes, como “delegados fraternos”, os representantes das outras Igrejas e denominações cristãs, e vários convidados. A participação do Reitor-Mor juntamente com outros Superiores religiosos é, decerto, um dom que se torna também um apelo para toda a Família Salesiana.

O evento fora desejado e preparado como “Sínodo especial” de breve duração. Previa-se uma semana de intercâmbio de testemunhos entre o leste e o oeste relativamente às experiências de fé dos últimos 50 anos, e uma segunda semana de orientações estimulantes e de critérios de ação que servissem para mover concretamente os crentes a se empenharem num novo tipo de evangelização, exigido pelos tempos e pelas situações sócio-culturais. Não foi um Sínodo do episcopado mundial, como o “especial” de 1985, vinte anos depois do encerramento do Vaticano II; não entendeu enfrentar temas específicos. Quis intensificar a comunhão entre o leste e o oeste europeu e proclamar o propósito comum de renovar as modalidades do compromisso evangelizador para um futuro particularmente desafiador. Foi mais um evento profético do que um planejamento de caminhada.

A própria “Declaração” sinodal afirma que se trata de um “primeiro passo” feito em direção à aurora do terceiro milênio.¹

Há na base das orientações do Sínodo uma consideração atenta do significado inerente aos extraordinários acontecimentos europeus de 1989. Os crentes consideram-nos como um “kairós”, ou seja, um momento histórico do devir humano particularmente rico da presença do Espírito do Senhor. Dele emergem reflexões pastorais para avaliar as situações da nova realidade e especificar urgências de evangelização: como se o próprio Deus sugerisse aos Pastores quais os caminhos que se deve fazer o Povo de Deus percorrer.

Eis aí, já nesta primeira constatação, um relevo que se deve guardar como em tesouro em toda a parte: a “leitura sapiencial” dos acontecimentos históricos do próprio tempo e contexto. Não se trata de uma leitura meramente sociológica ou

¹ Alguns dados deste Sínodo:

Participantes.

138 membros: 29 Bispos do Leste e 38 do Oeste; 11 Delegados fraternos (estavam ausentes os representantes de 5 igrejas ortodoxas: Rússia, Romênia, Sérvia, Bulgária e Grécia); 8 Superiores religiosos; vários “auditores” e “adjutores” e outros convidados, entre os quais o Presidente, Vice-presidente e Secretário da Conferência Européia dos Religiosos/as e de algumas outras.

Reguladores.

3 Presidentes delegados (cardeais: Lustiger, Klemp, Martínez Somalo);

1 Relator: Card. Ruini, com 2 secretários especiais: Mons. Vilk, Mons. Lehemann;

1 Secretário geral: Mons. Schotte.

Documentos principais.

Indicações da Secretaria do Sínodo, 12 de abril de 1991

Carta do Papa enviada de Fátima, 13 de maio de 1991

Carta sobre as relações com os Ortodoxos, 31 de maio de 1991

Discurso do Papa à Comissão preparatória, 5 de junho de 1991

O “Sumário”, 10 de novembro de 1991;

As duas relações do Card. Ruini “antes e depois das intervenções no plenário”;

Os discursos do Papa;

A Declaração.

Desenvolvimento.

15 Congregações gerais;

125 intervenções orais;

6 sessões de círculos lingüísticos (de 12 grupos);

5 audições de convidados especiais.

política, mas, sim, de uma reflexão de fé atenta e comunitária sobre a perspectiva “pastoral” que nos oferece o devir humano em que estamos inseridos. Para tal fim servimo-nos por sem dúvida também das contribuições objetivas das ciências humanas, mas não nos detemos em seu nível; transcendemos esse nível com a fé, preocupados com descobrir nas vicissitudes e interpelações “destes” homens e jovens de hoje as sugestões que Deus nosso Senhor nos oferece a fim de buscar no Evangelho as respostas adequadas para dar aos seus numerosos problemas.

A desatenção ao devir histórico, aos eventos, às situações, à cultura emergente seria uma atitude deveras deletéria, que cortaria as asas à nossa capacidade de nova evangelização.

Seria muito abstrato e evasivo referir-se a um Deus historicamente mudo. O Concílio Vaticano II, ao contrário, ensinou-nos a nos deixarmos guiar pelo Espírito de Deus, não somente com moções interiores (acompanhadas, quem sabe, de erudição teológica), mas também e muito concretamente considerando a sua presença na história que nos interpela continuamente através das vicissitudes da existência para reler com atualidade as respostas do Evangelho.

Diante desta primeira observação acerca da experiência sinodal, pensei com satisfação no nosso CG23, que nos levou justamente a iniciar o caminho da fé fazendo uma séria leitura pastoral da realidade juvenil e seus contextos. Comparada à do Sínodo, a nossa é certamente uma pequena leitura setorial para o trabalho apostólico que devemos realizar entre os jovens; mas também ela deve inserir-se na grande virada histórica lida pastoralmente pelos Bispos.

Desmoronamento das ideologias?

O Sínodo falou da queda do comunismo como sistema de estruturação da sociedade. A derrubada do muro de Berlim, a nova situação política da União Soviética e dos Países sob sua influência, a desagregação da Iugoslávia, a queda do regime na Albânia foram acontecimentos enormes, inimagináveis e inesperados, dramaticamente reais e irreversíveis. São, de fato, expressão da seriedade da mudança dos tempos em que vivemos e o colapso de uma ideologia falaz.

Isto, entretanto, não significa que tenham acabado as ideologias. Outras existem na Europa do oeste e no mundo. Além disso, a queda do socialismo real deixa muitas conseqüências negativas de tipo cultural, econômico, político e religioso que permanecem como desafios para a fé e lançam apelos de intervenção para uma nova evangelização, sobretudo entre os jovens.

A reação dos Pastores não foi a de festejar a derrocada dos regimes — muito embora tenham agradecido a Deus esta espécie de “milagre” histórico (estamos lembrando a expressão de indizível espanto do presidente da Tchecoslováquia, Sr. Havel) —, mas a de considerar com mais clareza e concretude de empenho a missão específica da Igreja, colocada diante de tantos problemas inéditos. Os Bispos não se propuseram responder com sugestões de tipo político, econômico ou cultural — não próprios de seu ministério, bem que sejam frentes verdadeiramente empenhativas e indispensáveis para todos —, mas, com uma preocupação religioso-pastoral, iluminar as mentes e organizar a esperança e os compromissos dos discípulos de Cristo e dos homens de boa vontade.

Da leitura sapiencial dos Pastores sobre os efeitos do desmoroamento do comunismo vem à tona uma observação muito significativa para a evangelização. Falou-se de “catástrofe antropológica” para sintetizar as graves conseqüências negativas do que aconteceu. Constatou-se efetivamente a ferida e o desvirtuamento da liberdade, ou seja, da pessoa, da sua consciência, da sua criatividade, dos ideais que deve colimar, do sentido da vida. Deve-se, contudo, acrescentar que o remédio para tão grave mal não deve ser procurado simplesmente no tipo de liberdade proclamada pelo consumismo.

Lamentavelmente também na Europa deste lado do muro de Berlim havia e há desvios ideológicos que ferem a liberdade do homem e, por isso, prejudicam a pessoa e a sociedade. O Sínodo deseja que a nova evangelização faça com que os cristãos sejam de fato e socialmente “testemunhas de Cristo que nos libertou”, ou seja, proclamadores do Evangelho que “liberta”. O desmoroamento da ideologia dominante no leste põe em evidência também as deficiências ideológicas do oeste.

Os estudiosos observam que nestes últimos decênios constatou-se na Europa Ocidental uma dissociação progressiva entre crença e prática cristã, com uma religiosidade “fraca” ou mesmo subjetivista, segundo critérios pessoais. Ao passo que na Europa centro-oriental, não obstante as admiráveis provas de fidelidade a Cristo e à Igreja por parte de não poucos crentes, um elevado número de cidadãos esqueceu a fé e muitos a combatem. Nos países libertados há urgência de atualização cultural e eclesial, há falta de recursos, fragilidade sócio-política; assiste-se a uma verdadeira miragem do consumismo, e insurgem perigosamente os nacionalismos.

Assim, no fim do segundo milênio, já não se pode falar de Europa “cristã”, mas de Europa “pluralista”, com áreas de ateísmo, agnosticismo, indiferentismo, grande presença de outras religiões e grave ruptura interna do Cristianismo. Sem dúvida, permanecem também boas raízes cristãs, que devem ser revitalizadas.

O Sínodo proclama com clareza que a Igreja é convidada, neste contexto, a dedicar-se com urgência à nova evangelização, na qual se coloca o empenho pela reta educação da liberdade humana. Os erros antropológicos não são apenas fruto de sistemas totalitários ateus; são também o resultado do mau uso ideológico de certos dados científicos. É importante que o Evangelho consiga ocupar o espaço usurpado pelas intromissões ideológicas.

Uma tarefa da nova evangelização é a de saber unir com sabedoria três grandes fontes de verdade a serviço da liberdade: a antropologia de atualidade, a leitura em contexto do Evangelho e a Doutrina da Igreja sobre a sociedade. Sem a compenetração mútua destes três aspectos não haverá educação eficaz da fé. O Sínodo insistiu particularmente sobre este tema, fazendo ver que a liberdade não é por si mesma um valor absoluto e individualista, mas que ela própria é ordenada à “verdade” e à “comunhão”. A perfeição da pessoa humana, com efeito, é o amor: o amor de caridade que tem sua fonte na vida trinitária e seu modelo supremo no mistério de Cristo. Na cultura ocidental laicista, ao invés, assiste-se a um ruinoso “desastre do amor” (e, pois, da “liberdade”), por causa dos egoísmos, dos conflitos, do erotismo, das injustiças, da carência de solidariedade. Não há liberdade que ama, se falta o dom de si no sacrifício e na solidariedade. A experiência ensina que os esforços humanos, por

si sós, jamais saberão criar o paraíso na terra: nem na pessoa, nem na família, nem na sociedade, nem na convivência mundial.

Deve-se logo notar aqui que não haverá “nova evangelização”, para a Europa e para todos os continentes, se não se souber impregnar de Evangelho os progressos humanos da antropologia e da sociologia.

Vem então um apelo do Sínodo pela inculturação do Evangelho. Os evangelizadores de hoje são chamados a cultivar uma séria preparação cultural, dando um lugar não secundário às atuais ciências do homem. A “nova evangelização” é, de fato, “a evangelização do *mundo novo*”.

Exortação à magnanimidade apostólica

Qualquer evento eclesial é necessariamente localizado, mas costuma trazer consigo uma ressonância universal porque interessa à vida da fé, que é de todos ainda que parta necessariamente de uma experiência local.

Afirmamo-lo, de maneira especial, em vista do recente Sínodo. Os Pastores que nele se reuniram estavam plenamente conscientes disso. Preocuparam-se, com efeito, em evitar nas suas sugestões qualquer aspecto que pudesse insinuar até o menor perigo de “eurocentrismo”. Falaram explicitamente de uma futura unidade européia aberta à solidariedade universal: “A Europa — diz a Declaração — transmitiu a todo o mundo muitas conquistas culturais e técnicas que hoje constituem um patrimônio da civilização universal. Todavia, a história da Europa conhece também muitos lados sombrios, entre os quais se deve incluir o imperi-

² Declaração 11

alismo e a opressão de muitos povos com a exploração sistemática de seus bens. Devemos, por isso, rejeitar certo espírito eurocêntrico, cujas conseqüências podemos hoje reconhecer”.²

Assim, é indispensável saber incluir na nova evangelização também um forte sentido de conversão histórica com vistas a uma sociedade mais solidária, que saiba olhar para além das próprias fronteiras e do próprio interesse. Hoje, o grito de Cristo sofredor chega dramaticamente de muitas partes do mundo: “a este grito é mister responder com opções concretas concernentes, por exemplo, à abolição do comércio de armas, à abertura dos nossos mercados, um tratamento mais justo para a dívida internacional, o apoio a tudo o que pode favorecer o desenvolvimento da cultura e da economia juntamente com a promoção de governos democráticos. De resto, a própria Europa pode haurir muitas riquezas dos tesouros dos outros povos e das outras culturas... As muitas formas de indigência e os grandes sofrimentos do mundo nos lembram as promessas escatológicas de Deus, que não podem encontrar plena realização nesta terra. Mediante o empenho de solidariedade e de caridade podemos, porém, no coração de uma humanidade dividida e estraçalhada, lançar impulsos e cultivar sementes para a realização futura da perfeição eterna”.³

³ *Ib.*

Neste sentido o Sínodo ressaltou oportunamente a generosidade missionária da Europa ao longo dos séculos, convidando a continuá-la e intensificá-la hoje, segundo as possibilidades. As várias intervenções dos representantes da América do Norte, da América Latina, da África, da Ásia e da Oceânia, presentes à assembléia, confirmaram com gratidão este elã missionário, brotado da apostolicidade autêntica de tantos crentes europeus.

Há mais. A lição deste Sínodo se refere também a dois aspectos vitais que interessam em qualquer parte à nova evangelização.

O primeiro é o do arrojo apostólico da fé que não se assusta nem se detém diante de uma tarefa imane e, à primeira vista, quase impossível: evangelizar a construção de uma Europa unida; uma centena de povos tão conflituosos, que deveriam conviver e amar-se numa só pátria comum. Quando se pensa nos incontáveis problemas religiosos, políticos, econômicos, culturais, raciais e históricos de tal projeto pode-se chegar a considerar a fascinante meta como uma utopia inatingível. As diretrizes dos Pastores, ao invés, impelem os cristãos a tornarem-se protagonistas do projeto. Será preciso tempo, surgirão dificuldades mil, a complexidade das coisas exigirá ciência, técnica, diálogo, reconciliação, constância. A Igreja sabe muito bem que tal projeto pertence antes do mais à ordem temporal, mas nem por isto se desinteressa por ele: antes, está convencida de que este é um caminho particularmente importante para a sua nova evangelização. Quer ser fiel ao Concílio que afirma: “a obra redentora de Cristo, que por sua natureza tem como fim a salvação dos homens, inclui também a instauração de toda a ordem temporal”.⁴ E isto “não só não priva a ordem temporal de sua autonomia, de seus fins próprios, leis, subsídios, importância para o bem dos homens, mas antes a aperfeiçoa em sua expressão e eficácia própria e ao mesmo tempo a equaciona com a vocação integral do homem sobre a terra.”⁵

⁴ *Apostolicam Actuositatem* 5.

⁵ *Ib.* 7

Destarte, o arrojo apostólico da evangelização não tem medo de enfrentar tarefas imensas relativas à vida concreta da ordem temporal, pois se sente iluminado e acompanhado na sua missão específica religioso-pastoral pelo poder do Espírito de Deus.

Parece-me importante salientar que o coração do evangelizador deve alimentar e cultivar em si, quotidianamente, o ardor de uma esperança teologal. O fato de sentir-se chamado a colaborar numa hora histórica caracterizada por mais intensa presença do Espírito Santo deve habituá-lo a transcender-se a si mesmo e aos próprios limites, certo de sentir-se movido por Ele numa Igreja que “salva” o homem de hoje, enviada a fermentar, como “sacramento”, a mudança epocal, mesmo sabendo que Ele sói apresentar-se com modalidades desconcertantes. A magnanimidade do evangelizador se nutre sempre na fonte da esperança. Poderíamos dizer que o “milagre” de que falou o presidente Havel poderá ser multiplicado na nova pastoral da esperança cristã dos evangelizadores.

O *segundo* aspecto vital é a consciência de que as mudanças a que assistimos hoje no mundo trazem consigo, como diz o Concílio, uma “cultura emergente” que se vai cada vez mais *universalizando*. A leitura atenta da introdução da “Gaudium et Spes”⁶ nos garante que o homem, em qualquer continente, “vive hoje um período novo da sua história”, com uma “verdadeira transformação social e cultural”.⁷ Não se trata somente da Europa, mas de uma época histórica que nasce para todos. As culturas de cada povo deverão necessariamente levar em conta essas profundas transformações. “A pouco e pouco prepara-se um tipo mais universal de cultura humana, que tanto mais promove e expressa a unidade do gênero humano quanto melhor respeita as particularidades das diversas culturas”.⁸

⁶ *Gaudium et Spes* 4 até 10

⁷ *Ib.* 4

⁸ *Ib.* 54

A nova evangelização não poderá prescindir deste fato. Deverá ajudar a superar os supervenientes perigos de desvio que provêm dos vários naciona-

lismos, continentalismos, racismos, ideologismos que encarceram o dinamismo das culturas — naturalmente aberto ao devir de todos os homens — em recintos fechados à universidade e ao futuro. Perigosos exemplos de semelhante miopia existem um pouco por toda a parte, movidos mais por paixões e projetos parciais do que pela inteligência de fé.

Acontece agora que se está movendo com maior aceleração na Europa o amadurecimento simultâneo de vários sinais dos tempos, ao ponto de apresentar à fé e ao Evangelho um conjunto de desafios muito urgentes que, se puderem receber uma resposta adequada da Igreja, servirão de estímulo e, em parte, também de vanguarda inspiradora para todos. Será uma nova evangelização caracterizada pela capacidade de inculturação e por uma autêntica missionariedade, preocupada também de tantos novos areópagos pagãos, e pela convivência de raças, culturas e religiões diferentes. Mas a construção desta sociedade pluralista é um objetivo que tem necessidade de Deus.

A evangelização de uma nova Europa não será “restauração” de alguma coisa de ontem, mas novo começo da fé numa convivência de povos até agora inédita. Será novidade de presença do Espírito Santo na cultura emergente para dar lugar a uma civilização do amor até agora desconhecida.

A magnanimidade apostólica requer uma mentalidade aberta, nutrida de mundialidade e de solidariedade universal: qualidades, estas, que crescem genuinamente no mistério vivo da Igreja de Cristo. Por conseguinte, educar os jovens na fé querará dizer saber formar neles também os valores da mundialidade e da solidariedade com todos os povos.

Caminhos novos por percorrer

⁹ ACG 331.

Numa carta circular enviada cerca de três anos atrás⁹ eu lhes falava sobretudo da mudança de mentalidade que supõe em nós a nova evangelização. Agora o Sínodo dos Bispos da Europa nos propõe alguns grandes problemas que vão emergindo e se devem enfrentar percorrendo novos caminhos. Referem-se propriamente à Europa, mas oferecem de fato luz a todos. São desafios provenientes da nova situação cultural e que põem em evidência algumas das maiores dificuldades para os agentes de pastoral.

Hoje, no continente europeu, muitos destinatários não conhecem absolutamente a mensagem do Evangelho; outros, também numerosos, apesar de o conhecerem, continuam incrédulos ou indiferentes; em não poucos persiste ainda a busca positiva de uma experiência de transcendência, mas acham que a podem encontrar em outras religiões; não faltam os que rejeitam explicitamente o cristianismo: fortemente marcados por um antropocentrismo cientificista que lhes acresce a convicção de já haverem chegado a uma época “pós-cristã”, julgam antiquado, pré-científico e dispensável o patrimônio do Evangelho nos seus pontos mais constitutivos, de modo especial no seu ensinamento moral.¹⁰ Esta situação gera grandes desafios ao Evangelho, se o quisermos ler em contexto. De fato — conquanto pronunciada integralmente vinte séculos faz —, a Palavra de Deus é dirigida aos problemas concretos de todas as gerações. Ora, as atitudes acima citadas são como um indício ou a ponta do imenso *iceberg* da atual mudança epocal.

Ao perscrutar o contexto, os Padres sinodais destacaram principalmente os seguintes como problemas maiores:

¹⁰ Numa pesquisa de 1981, por exemplo, feita em nove Países ocidentais (Grã-Bretanha, Alemanha, França, Itália, Espanha, Holanda, Bélgica, Irlanda, Dinamarca), apresentam-se os seguintes dados:

Os que crêem de alguma maneira

— em Deus, são 75%

— na alma, 58%

— no pecado, 57%

— na vida após a morte, 43%

— no diabo, 25%

— na reencarnação, 21%

cf. J. SOETZEL: *I valori del tempo presente. Un'inchiesta europea*, SEI. Turim 1984, c. 4

– a “ótica materialista” com a qual se pretende interpretar a antropologia;

– o “laicismo político” que deveria ser colocado na base da nova cidade democrática e pluralista;

– a “vasta faixa pagã”, especialmente de tantos não batizados, interessados apenas em suas precisões imediatas;

– o “relativismo religioso” diante das variadas propostas de transcendência das religiões.

Agora a Europa é de fato um continente pluricultural, plurinacional e pluri-religioso; não poderá tornar-se a pátria comum de uma civilização solidária? O Sínodo responde com esperança. A Europa assemelha-se hoje a um imenso cadinho, ou a um alto-forno, para processar a fusão de um novo tipo de “cidadania”. A evangelização deverá procurar novas estratégias para iluminar e responder a desafios até agora desconhecidos, especialmente aos quatro maiores acima mencionados.

Vamos apontar alguns caminhos que nos são sugeridos, enquanto evangelizadores dos jovens, relativamente aos temas já referidos.

— *A ótica materialista*, muito difundida, não é uma simples atitude grosseira de ignorantes; ela está antes intimamente ligada ao progresso científico-técnico. Procura-se modelar um tipo de cidadão crítico, seguro de si, formalmente respeitoso dos outros, mas sem convicções ligadas a princípios de transcendência. À pergunta “que homem para a nova cultura?” responde num plano “racional”, filosófico-científico, que exclui da antropologia um verdadeiro recurso a Deus. É uma mentalidade de “douta ignorância”, que pretende formular, entre outras coisas, uma ética totalmente nova a ser traduzida, quando se pode, também em leis sociais.

O homem seria um ser puramente terreno, para o qual não teria sentido o anúncio evangélico; nem pecado, nem redenção, nem imortalidade. Apresentada assim, de maneira tão rápida, poderia parecer a alguém uma ótica fácil de corrigir, mas a realidade é muito outra. O educador da fé é chamado a dar uma resposta competente, e para tanto deverá cultivar pelo menos dois aspectos bastante exigentes e complementares: primeiramente uma adequada preparação antropológica, para saber dialogar com o atual progresso científico; e depois a maleabilidade em fazer ver que a fé não está nunca em verdadeiro contraste com a razão, e que esta é de per si e historicamente aberta à transcendência.

Portanto uma competência, culturalmente nova, sobre o que é o homem neste seu amadurecimento crítico.

Parece-me importante, para nós salesianos, sublinhar este aspecto. Ele implica uma séria revalorização, por exemplo, da “escola”, em concordância com a profunda renovação que para ela pediu o Vaticano II. O caminho da escola pertence certamente à nova evangelização: é a terceira “palavra-símbolo” do nosso critério oratoriano de renovação.¹¹

Não vamos deixá-la para poder fazer pastoral moderna! Há nela uma tarefa das mais urgentes para a evangelização. O S. Padre afirmou recentemente, no primeiro encontro nacional da Igreja italiana sobre a escola católica,¹² que ela é lugar de cultura com finalidade educativa e traz consigo grandes recursos para a nova evangelização. O diálogo entre fé e cultura é fundamental: “a Igreja muito espera da escola católica pela sua própria missão num mundo em que o desafio cultural é o primeiro, o mais provocante e prenhe de efeitos”.¹³

¹¹Cf. Const. 40.

¹²20-23 de novembro de 1991.

¹³*L'Osservatore Romano* no 24.11.91.

Ressaltou-se com acerto no Sínodo a importância que deverão ter na nova evangelização as Escolas e as Universidades católicas, nas quais a promoção cultural e científica cresce em harmonia com a fé. A declaração sinodal afirma explicitamente que “nos países recentemente libertados do comunismo é premente a necessidade de criar Universidades e Escolas católicas”.¹⁴

¹⁴ Declaração 5.

Um caminho novo é, pois, o de repensar a escola conforme as exigências do Evangelho em contexto.

— *O laicismo político* tem forte incidência sobre a dimensão democrática da sociedade pluralista: e isto tem muitas repercussões sobre a vida de fé, sobretudo dos fiéis leigos e dos jovens. Como observa a encíclica “*Centesimus Annus*”, tende-se hoje a considerar o agnosticismo como filosofia e atitude fundamental para uma mentalidade democrática; o crente, convicto de bem definida visão de fé sobre o homem, não seria democraticamente confiável, por não admitir que a verdade seja determinada pela maioria e politicamente variável.¹⁵

¹⁵ Cf. *Centesimus Annus* 46.

Defronte a tal juízo a nova evangelização deverá dar particular importância ao ensino da Doutrina social da Igreja, que ilumina exatamente a convivência democrática com a verdade integral sobre a pessoa e sobre a sociedade.

À sua luz abre-se o vasto horizonte da verdadeira “laicidade”, proclamada com perspicácia pelo Vaticano II, e que importa na atividade evangelizadora um grande relançamento da vocação e missão dos fiéis leigos no mundo. O “laicismo” é sempre dominado por alguma ideologia que desnatura a capacidade de interpretar corretamente a ordem temporal. Urge apresentar com atualizada lucidez uma fé que saiba perceber em toda a

realidade criada as autonomias que o Criador quis e inseriu na própria natureza das coisas.

Eis então também para nós um novo caminho, que devemos percorrer com constância e dedicação na evangelização: o do Projeto Leigos e da dimensão social da caridade ao qual justamente nos convida o CG23.¹⁶

¹⁶Cf. CG23 246; e 203 ss.

— *A vasta faixa pagã*, sobretudo de jovens que nada sabem de Cristo e da sua Igreja, interpela a comunidade cristã. Eles prescindem das habituais mediações pastorais da vida paroquial, têm necessidade de intervenções específicas que é preciso inventar com imaginação missionária e pedagogia apropriada. Nesta nova frente, nós salesianos, devemos saber repensar com originalidade a aproximação aos jovens e também a hierarquia das verdades reveladas que se devem apresentar; isto exige gradualidade pedagógica e muita criatividade pastoral.

O que nos disse o Papa sobre a “preventividade” deverá, aqui, ser considerado com particular atenção: “a arte de educar de modo positivo, propondo o bem em experiências adequadas e envolventes, capazes de atrair pela sua nobreza e beleza; a arte de fazer os jovens crescerem “a partir de dentro”, insistindo sobre a liberdade interior, opondo-se aos condicionamentos e aos formalismos exteriores; a arte de conquistar o coração dos jovens para fazê-los querer o bem com alegria e satisfação, corrigindo os desvios e preparando-os para o amanhã mediante sólida formação do caráter”.¹⁷

¹⁷*Juvenum Paris* 8.

Evidentemente, tratando-se de “missionariedade” juvenil, isto nos aponta, como novo caminho por relançar, o do “critério oratoriano” de Dom Bosco. A nova evangelização exige de nós generosa “refun-

dação do Oratório”, que vem a ser afinal quanto nos pede o CG23.¹⁸

¹⁸ Cf. CG23 345-350.

— *O relativismo religioso* parte do fato positivo de alguma abertura à transcendência e da busca de uma experiência religiosa; muitas vezes, porém, leva a expressões religiosas não cristãs. Não se pode esquecer que estão presentes na Europa beneméritas igrejas cristãs não católicas e aumenta cada vez mais o número de emigrados pertencentes a grandes religiões que nasceram em outros continentes: além disso, assiste-se hoje à difusão de várias seitas.

É um dado de fato, muito complexo, que obriga a incorporar intensamente na nova evangelização as exigências próprias de uma *mentalidade ecumênica* e de uma *capacidade de diálogo religioso*. É uma situação assaz delicada que deve ser enfrentada com iniciativas várias, à medida dos grupos religiosos, e que devem prosseguir com convicções claras a respeito da própria identidade católica.

Ao caracterizar novos caminhos para a evangelização, interessam-nos a nós dois aspectos que o evangelizador deve adquirir e aprofundar: ser sinais e portadores de fé com clara “mentalidade ecumênica”; e habilitar-se a uma “capacidade de diálogo” para, com gradualidade pedagógica, irradiar luz sobre o mistério de Cristo, sua objetividade e centralidade.

Este caminho novo toca mais diretamente a formação ou a mudança de mentalidade dos evangelizadores.

Dos dois aspectos indicados, o primeiro (mentalidade ecumênica) exige de nós atenta revisão dos programas de estudo, na formação dos irmãos, no que se refere às outras Igrejas cristãs, às grandes religiões e também ao conhecimento das seitas mais

presentes no território. Isto ajudará a cultivar de maneira mais realista a identidade da própria fé católica baseando-se muito sobre dados históricos, não tanto para demonstrar uma tese, quanto para conhecer o pensamento religioso dos homens com os quais convivemos.

O segundo aspecto (diálogo) leva-nos ao Sistema Preventivo na sua capacidade de aproximação e intercâmbio, de respeito e simpatia pelas pessoas, mesmo que nem sempre se possam partilhar suas opiniões. É importante fazer reviver em nós, aqui, todo o patrimônio espiritual e metodológico contido no nosso nome-símbolo de “salesianos”; ele exige de nós amabilidade, serviço, diálogo, intercâmbio paciente. Faz-nos repensar, como queria Dom Bosco, em nosso patrono S. Francisco de Sales, em sua extraordinária caridade pastoral, mormente na difícil missão do Chablais.

Urge adquirir entre nós uma mentalidade ecumênica capaz de diálogo.

Penso que a consideração destes quatro maiores problemas, expostos embora de forma muito sucinta, levará a descobrir caminhos novos, no intensificar a qualidade pastoral da escola, como no empenhar-se em programar e realizar o Projeto leigos e a dimensão social da liberdade; no relançar o Oratório com iniciativas de associacionismo, como no formar uma mentalidade de diálogo com respeito às várias experiências religiosas.

Por esta forma a nova evangelização crescerá como força dinâmica na complicada mudança epocal que nos desafia. A fé é energia do devir e fidelidade à missão recebida de Deus. Não é passividade nem repetição. É um novo começo. Custa. Mas é indispensável.

O imutável centro propulsor

Há na Declaração do Sínodo uma precisa tomada de posição para garantir a autenticidade da evangelização num contexto tão novo e diversificado. “Não é suficiente — lê-se no texto — tomar todas as diligências para difundir os ‘valores evangélicos’ como a justiça e a paz. Somente anunciando a pessoa de Jesus Cristo é que a evangelização poderá dizer-se autenticamente cristã. Os valores evangélicos, com efeito, não podem ser separados de Cristo, que lhes é fonte e fundamento e constitui o centro de todo o anúncio evangélico”.¹⁹

¹⁹ Declaração 3.

Trata-se de perceber e fazer descobrir em Cristo o grande desafio atual de uma nova opção de Deus: não o Deus que nós poderíamos imaginar, mas aquele que é objetivamente verdadeiro em si e na história; não uma elaboração religiosa vinda de baixo, mas uma revelação divina do alto, de tipo histórico: não a profecia imperfeita de um homem, mas a encarnação humana de Deus; não uma repetição de habituados, mas a descoberta entusiasmante de cada dia.

Um Deus que nos ama, um Deus que nos cria, um Deus que nos fala, um Deus solidário que sofre e vence conosco. Não um Deus desconhecido e distante, mas um Deus que está perto de nós como Pai, um Deus que se faz um de nós, um Deus que vem para nós e nos perdoa o pecado, um Deus que nos reconstrói a partir do interior até fazer-nos superar a própria morte, um Deus que não nos tira a dor mas a faz frutificar para a felicidade definitiva. O Evangelho de Cristo consiste em proclamar a cada um de nós: Deus te ama, Deus está contigo, Deus te salva!

Apraz-me lembrar aqui uma reflexão que fizemos ao tratar pela primeira vez o tema da nova

evangelização. Devem-se considerar seriamente, dizíamos, tantas “novidades” próprias do devir cultural; deixar de fazê-lo haveria de paralisar-nos. Mas “hoje, como ontem e como amanhã, permanece viva, fascinante e decisiva a suprema novidade do Cristianismo na história: a da Páscoa de Cristo.

É uma novidade de tipo histórico-teológico. Não basta reconhecer-lhe em abstrato a excepcionalidade; urge apresentá-la como a mais importante ‘notícia’ para o hoje, que maravilha, renova, sabe responder às interrogações mais angustiantes, que abre à transcendência a vida de cada um e a história da humanidade: trata-se da misteriosa dimensão escatológica (ou seja, da meta final, já realmente presente e influente) que incide também sobre as culturas humanas, ilumina-as, julga-as, purifica-as, discerne-lhes os valores emergentes e pode promovê-los. A nova evangelização apóia-se toda neste evento supremo: o ‘novíssimo’ por excelência! Não há nem haverá jamais novidade maior do que esta: é medida de comparação para qualquer outra novidade; não envelhece; é a perene e máxima maravilha da inserção de Deus na história; é a criação nova que se antecipa no nosso mundo velho. É preciso saber tornar visível e comunicar esta suprema novidade”.²⁰

²⁰ACG 331, p. 11-12.

Este é o Evangelho. Não há outro! Não pode mudar porque nem mesmo Deus saberia inventar evento maior do que este; ele é para sempre a expressão suprema do seu amor para com o homem. Se se fala de “nova” evangelização é “porque — diz o Sínodo — o Espírito Santo torna sempre nova a Palavra de Deus e estimula continuamente os homens em seu íntimo. É nova, esta evangelização, também por não estar ligada imutavelmente a uma determinada civilização, po-

dendo o Evangelho de Jesus Cristo resplandecer em todas as culturas”.²¹

²¹ Declaração 3.

Papel dos Religiosos e protagonismo dos jovens

A missão evangelizadora é tarefa de todo o Povo de Deus. No novo modo de a Igreja relacionar-se com o mundo emerge uma exigência muito importante para o compromisso dos fiéis leigos. Eles se colocam em primeira linha nas novidades da ordem temporal e da cultura emergente. Junto com eles, porém, e como alma dinamizadora, acha-se a Vida consagrada, que lembra a todos, com especial intensidade, que não se pode transformar o mundo e oferecê-lo ao Pai sem o espírito das bem-aventuranças.²² Por isso, os Religiosos e as Religiosas ocupam um lugar estratégico na nova evangelização. A história faz-nos observar que se deve a eles em grande parte a primeira evangelização dos cinco continentes. Paulo VI, na exortação *Evangelii Nuntiandi*, fala com reconhecimento da sua “contribuição humana” de ontem e de hoje: “Graças à sua consagração religiosa, eles são por excelência voluntários e livres para deixar tudo e ir anunciar o Evangelho até às extremidades da terra. São empreendedores, e o seu apostolado é muitas vezes marcado por uma originalidade e por uma feição própria, que lhes granjeiam forçosamente admiração. São generosos; encontram-se com frequência nos postos de vanguarda da missão e a arrostar com os maiores perigos para a sua saúde e para a sua própria vida. Sim, verdadeiramente a Igreja deve-lhes muito”.^{23 e 24}

²² Cf. *Lumen Gentium* 31.

²³ *Evangelii Nuntiandi* 69.

²⁴ Os Religiosos e as Religiosas hoje, na Europa, são 460.000: a metade do número mundial.

Os graves problemas do contexto precisam com urgência da renovação dos Religiosos/as, com o

²⁵ Declaração 5.

testemunho de uma maior qualidade da sua identidade e do seu apostolado: “as suas comunidades poderão oferecer a toda a Europa o testemunho vital do radicalismo evangélico, *se* neles se tornar ainda mais intenso o apelo ao que é essencial na vida consagrada”.²⁵ Este “se” nos faz refletir muito. As tarefas principais por realizar são: o primado da espiritualidade; a consciência da eclesialidade dos carismas da Vida religiosa e a necessidade de uma pastoral de conjunto inspirada no ainda atual documento pastoral *Mutuae Relationes*.

Eis o ponto! Os Religiosos, primeiros evangelizadores dos continentes, estavam possuídos de uma fé ardente, eram apóstolos da Igreja e colaboradores dos Pastores. Para nós salesianos, na nossa pequenez, podemos lembrar nomes como Cagliero, Fagnano, Milanesio, Lasagna, Costamagna, Balzola, Evasio Rabagliati, Cimatti, Versiglia e Caravario, etc. O exemplo que nos deixaram pede-nos que renovemos a qualidade do testemunho e da ação. Já é clássica a afirmação de João Paulo II: “novidade de ardor, novidade de método, novidade de expressões”. Numa entrevista com o teólogo Max Thurian sobre “que nova evangelização?”, perguntaram-lhe se existe algum modelo de evangelizador que hoje o fascine de modo particular. Respondeu sem maiores delongas que considera um modelo sublime o santo Cura d’Ars, que se tornou entre os seus mediador convincente de quem é Deus e da sua infinita misericórdia. Ou seja, que há mister no evangelizador de uma capacidade de contato e de transmissão do mistério de Cristo que realmente lhe impregne a existência pessoal: mais testemunho que arrazoados.

Pois bem, se nós salesianos nos perguntássemos a quem volver os olhos a fim de encontrar um modelo

inspirador, penso não haver a menor dúvida em dizer que devemos olhar para Dom Bosco. Certamente não para aprofundar as novidades culturais de hoje, mas para refletir com ele sobre os três elementos assinalados pelo Papa com vistas à eficácia da nova evangelização. Dom Bosco evangelizador dos jovens é para nós estímulo e modelo de cada um dos três elementos: o ardor, o método e as expressões.

• No *ardor*: Dom Bosco nos ensina a intensidade pastoral do “Da mihi animas”; é o primado do espírito salesiano que deve caracterizar a novidade do nosso ardor. Foi o empenho que assumimos nos anos pós-conciliares; descurá-lo seria tornar-nos incapazes de educar na fé.

• No *método*, ou seja, na arte educativa com a qual Dom Bosco viveu sua práxis pastoral, levando em conta as atuais exigências da “nova educação”.²⁶ O Santo Padre escreveu-nos a carta “Iuvenum Patris” precisamente para revalorizar este tesouro de criteriologia educativa.

²⁶ Cf. ACG 337.

• Nas *expressões*: refletindo sobre a incansável criatividade apostólica de Dom Bosco, lembramos, por exemplo, suas iniciativas (bastante originais para os contemporâneos) quanto ao tempo livre, o tipo de escola popular, o encaminhamento para o mundo do trabalho, a comunicação social, a confiança no associacionismo juvenil. Existem hoje tantas situações inéditas que requerem evangelizadores inventivos, movidos pelo mesmo ardor espiritual e pelos mesmos critérios metodológicos de Dom Bosco.

O CG23 convidou-nos a “refundar o Oratório” com a renovação em fidelidade dinâmica a estes princípios que brilham no nosso Fundador. Inspirando-nos nele, queremos ser de fato protagonistas da nova evangelização.

²⁷ Declaração 5.

O recente Sínodo faz, depois, um especial apelo aos “jovens para que sejam, antes do mais, eles próprios os evangelizadores das novas gerações”.²⁷ Devemos empenhar-nos em ser portadores e animadores desse apelo, convencidos de que “os jovens — assim lemos na *Christifideles Laici* — não devem ser considerados simplesmente como o objeto da solícitude pastoral da Igreja: eles são de fato, e devem ser encorajados a sê-lo, sujeitos ativos, protagonistas da evangelização e artífices da renovação social”.²⁸

²⁸ *Christifideles Laici*
46.

As deliberações do CG23 devem ser atentamente estudadas em cada uma das comunidades a fim de programar-lhes concretamente a execução.

O envolvimento salesiano

Acredito ser um dever do Reitor-Mor convidar os irmãos a vibrarem concretamente com a Igreja, nas suas experiências de Espírito Santo e nos seus corajosos propósitos apostólicos. O Sínodo dos Bispos da Europa é um evento eclesial que nos deve sacudir; em primeiro lugar os irmãos da Europa, mas depois - de diferentes maneiras — todos nos cinco continentes. Assim o saberão fazer, mais adiante, os irmãos da América Latina e em seguida os da África após os respectivos Sínodos episcopais, cuja ressonância atingirá toda a Congregação. Cada um desses eventos é um momento de graça para a Igreja Universal e, pois, para toda a Congregação.

Entrementes as Inspetorias européias (40!) estão empenhadas, em junho próximo, numa reunião de todos os Inspetores na Casa Geral a fim de estudar, juntamente com o Reitor-Mor e o Conselho Geral, as iniciativas que se devem tomar para trilhar — em

concordância com os demais grupos da Família Salesiana — as pistas indicadas pelo Sínodo. Haverá em agosto, no Colle Don Bosco, o “Confronto-92” com os jovens das nossas presenças européias a fim de encaminhá-los para o futuro nesta direção. Já tivemos, em Roma, reuniões com alguns Inspetores do Leste acompanhados de seus Conselhos para discernir o que fazer diante dos complexos problemas que recentemente surgiram; assim também com os Delegados de pastoral juvenil dessas regiões porque eles têm de criar com urgência toda uma nova maneira de aproximar-se dos jovens.

Em suma, há, em sintonia com o Sínodo, uma grande vontade de comunhão e participação, que estimula sobretudo a renovação da nossa pastoral juvenil. O fato de tender para um fim faz crescer vitalmente nessas Inspetorias o sentido de Igreja e oferecerá contínuas e promissoras sugestões de criatividade apostólica.

Todas as Inspetorias devem inspirar-se em quanto a celebração deste Sínodo significa para a Igreja universal.

Entre os aspectos estimulantes podemos sublinhar os seguintes:

- a consciência da importância histórica da hora que vivemos e a sua leitura “sapiencial” para a renovação da ação pastoral;
- a educação numa fé que seja energia de vida para a pessoa, para a família, para a renovação da sociedade;
- a magnanimidade apostólica e a esperança radicada no poder do Espírito Santo para projetar grandes empenhos apostólicos para o futuro;
- a urgência e a verdadeira natureza da nova evangelização com a centralidade do mistério de

- Cristo na perspectiva de muitos caminhos por percorrer;
- a interpretação evangélica de uma virada antropológica freada por desvios ideológicos vários, que exige a luz da verdade revelada em favor da liberdade humana;
 - a inculturação do Evangelho como dimensão missionária da educação da fé: um novo humanismo que deve ser purificado e promovido, no qual apareça claramente também uma justa promoção da mulher;
 - a superação de todo nacionalismo e continentalismo mediante uma formação concreta para a solidariedade universal;
 - a dedicação à formação do laicato, que ocupa um lugar de fronteira na missão da Igreja pelo mundo;
 - o intercâmbio de dons entre experiências eclesiais diversas com o surgimento de um vivo testemunho do mistério da cruz e da indispensabilidade vital do ministério de Pedro;
 - o desejo de inseparabilidade, no coração dos evangelizadores, entre “espiritualidade”, “liturgia” e “teologia”, como testemunho de síntese vital da fé;
 - a formação da consciência no delicado campo da conduta moral, etc.

Esses aspectos todos (e ainda outros) entraram de alguma maneira no clima das intervenções, diálogos e documentos do Sínodo dos Bispos da Europa.

É conveniente, por isso, guardar como tesouro esta visita do Espírito Santo numa hora histórica que congrega cada vez mais os povos, com suas culturas, para uma convergência universal, onde a fé cristã é luz de verdade e força de coesão.

Conclusão

No Sínodo falou-se com freqüência de Nossa Senhora. Reconheceu-se repetidas vezes e com comoção sua materna proteção durante os negros anos da terrível ditadura. Insistiu-se em afirmar que os grandes acontecimentos de 1989 estão ligados a uma sua especial intervenção. Sua maternidade em relação à Igreja na história é permanente e misteriosamente eficaz. Ela é de fato a Auxiliadora dos cristãos.

Ao tratar da nova evangelização, o Sínodo pensou nela, sempre unida a nós em atitude de oração, no coração da Igreja como em Pentecostes, para invocar com firme esperança o Espírito Santo; foi lembrada, a propósito, a afirmação de Paulo VI: “seja Ela a Estrela da evangelização sempre renovada”.²⁹

E como todos os verdadeiros apóstolos da fé têm necessidade de contínua auto-evangelização, “mediante a oração e a meditação assídua da Palavra de Deus, além do esforço quotidiano de a pôr em prática,³⁰ olhou-se para Ela como modelo altíssimo que “nos ensina a acolher em nós a Palavra de Deus e a colocá-la em prática com todo o coração: ‘e sua Mãe conservava todas estas palavras no seu coração’ (Lc 2,51). Assim Ela acompanhou, ao lado de seu Filho, o início da evangelização”.³¹

Os padres sinodais invocaram Maria com o título de “Odigitria”, porque aponta a todos o caminho para chegar a Cristo e para avançar continuamente rumo à verdadeira fé.

Com esta confiança, fruto de viva esperança, é que recorreremos a Ela, convencidos de que todo o nosso empenho de educação dos jovens na fé tem nEla a Mestra e a Guia.

²⁹ *Evangelii Nuntiandi*
82.

³⁰ *Declaração* 5.

³¹ *Declaração*: conclusão.

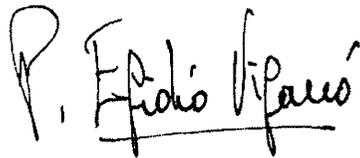
Dom Bosco nos ensinou a amá-la e a invocá-la como Auxiliadora justamente pela sua permanente maternidade sempre ativa ao longo da peregrinação da Igreja através dos séculos.

Podemos pensar que o recente Sínodo foi um dom significativo da Mãe da Igreja para melhor nos encaminharmos para as metas do terceiro milênio.

Sejamos-lhe agradecidos e sintamo-nos convidados por Ela a assumir com coragem o árduo e complexo mister de sermos evangelizadores dos jovens hoje.

Uma saudação cordial a todos na alegria do mistério pascal.

Com afeto, em Dom Bosco,



P. Eudário Vigaró

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1 A SIGNIFICATIVIDADE DA PRESENÇA SALESIANA (CG23, n. 226-230)

P. Juan E. VECCHI
Vigário do Reitor-Mor

1. Um critério de verificação

O CG23 confia às Inspetorias a tarefa de verificar a incidência de cada obra e atividade conforme o critério da “significatividade” (CG23, 227. 230).

Como não se trata apenas de uma perspectiva ideal, mas antes de uma orientação prática, a proposta provoca perguntas muito concretas. O Conselho Geral, investido da responsabilidade de acompanhar as Inspetorias (CG23, 231), passou a examinar estas interrogações nas duas últimas sessões de junho-julho e novembro-dezembro de 1991.

A primeira pergunta diz respeito ao alcance de tal critério.

Desde muito tempo os Capítulos Gerais vêm convidando as Inspetorias a adequar as próprias presenças às exigências da nossa missão, às mudadas condições sócio-culturais, eclesiais e juvenis, às novas possibilidades educativas e pastorais, ao estado do pessoal.

Assim o CG19 propôs uma operação global de “redimensionamento”, ao passo que o CGE20 orientou a reestruturar as presenças para dar prioridade aos objetivos pastorais (CGE, 398) e oferecer um serviço mais completo aos jovens mais necessitados. O CG21 deseja uma “nova presença” (n. 154-161) salesiana em obras de fundação recente e também nas mais antigas; e o CG22

pede aos Salesianos que voltem aos jovens, às suas necessidades, à sua pobreza, se preciso reorientando as obras (CG22, 6).

O conjunto dessas orientações produziu efeitos reais nas Inspeções na medida em que foram aplicados com decisão e os irmãos foram oportunamente preparados para tomar iniciativas inéditas ou para criar novas modalidades de ação pastoral em presenças de antiga data.

Olhando, com efeito, para o panorama da Congregação vê-se um volume não indiferente de transformações e adaptações em nível local, inspetorial, regional e mundial; registra-se uma presença maciça de leigos que compartilhem conosco funções e responsabilidades; difundiu-se entre os Salesianos a preocupação de “animar” estas numerosas forças educativas e apostólicas; trabalha-se com uma visão mais realista do território como espaço da missão salesiana. A pastoral enriqueceu-se de novas dimensões (MGS = Movimento Juvenil Salesiano, Voluntariado, Jovens Animadores, Comunicação social...) e não faltam aberturas de novas frentes, embora condicionadas pela escassez de recursos disponíveis.

Propondo o critério da *significatividade* deseja-se continuar, com maior determinação, o que se fez até agora. Ele, com efeito, retoma e sintetiza, segundo uma nova hierarquia, as razões que se encontram sob o esforço anterior, em conformidade com os sinais que vêm das mudanças em curso e das orientações da Igreja.

A significatividade, palavra e critério, não aparece de improviso. No sexênio anterior havia sido objeto de aprofundamento em algumas visitas de conjunto, diante do aparecimento de novos pedidos e da impossibilidade de responder a eles com a atual colocação das nossas presenças.

Na raiz do critério há alguns pressupostos pastorais. É próprio da evangelização agir mediante “sinais”, isto é, ações que produzem efeitos reais, mas que ao mesmo tempo são capazes de abrir quem as vê a novas perspectivas de existência.

O anúncio evangélico não atinge diretamente cada pessoa nem cobre materialmente todos os espaços e atividades onde o homem vive sua vida. Coloca-se neles como um fermento, uma luz, uma cidade colocada no cimo de uma montanha. Hoje mais do que nunca

a pastoral é uma pastoral dos “sinais”: presença e ação da Igreja que revela a energia histórica da ressurreição de Jesus.

Dessa primeira convicção brota uma segunda, muito prática: a urgência de fazer “opções” para que cada comunidade possa, pela sua presença e pelo seu trabalho, “anunciar o Evangelho” com clareza e eficácia. Todas as obras são úteis. Mas nem todas, pela sua colocação e modalidades de atuação, falam com a mesma intensidade e com a mesma clareza. Algumas podem até revelar-se capacitadas a atender somente necessidades secundárias dos jovens, com apenas um verniz educativo ou religioso. À missão salesiana, ao invés, interessa que se revele imediatamente seu interesse principal pelo crescimento em dignidade e pela salvação eterna das pessoas.

2. Os elementos de significatividade

Penetrando mais na aplicação do critério da significatividade percebemos que ele pressupõe a atenção prioritária a alguns fatores que se tornam chaves para um discernimento e para as correspondentes operações de reestruturação.

— O primeiro desses fatores é *a pessoa do salesiano*. O volume e as modalidades do trabalho devem permitir uma formação completa dos irmãos em fase inicial e permanente. A colocação pastoral deve ter em vista desfrutar o mais possível sua capacidade de educar na fé e de animar as comunidades educativas. Será preciso, pois, cuidar que o salesiano não seja sobrecarregado de múltiplas funções de tipo organizativo, material e administrativo por causa da diminuição das forças e do aumento não controlado das obras.

A vida espiritual de cada um requer tempo e atenção. É preciso prevenir cansaços prematuros e quedas de tensão, confiando funções proporcionadas, em que seja possível trabalhar também em profundidade e não se fique limitado a uma evangelização superficial.

— Um segundo fator para a significatividade é *a comunidade*: sua existência, sua densidade humana e religiosa, sua criatividade apostólica. As Constituições atribuem-lhe notável incidência vocacional. O CG23 fala de alguns valores em que se deposita sua capacidade de impacto: a unidade que vem da aceitação das pessoas, das relações fraternas, da comunicação e co-responsabilidade; a vida quotidiana em que emerge a opção radical de Cristo e a acolhida de quem procura nela apoio e ajuda (cf. CG23, 219). Ela é chamada a tornar-se “sinal”, “escola” e ambiente de fé (ib. 216-218).

A significatividade exige que cada obra ou conjunto de atividades sejam confiadas a uma comunidade co-responsável; e, por isso, aconselha comensurar os empenhos a esta exigência. Foi por isso que anteriormente se recomendou que se olhasse para a sua consistência quantitativa e qualitativa (cf. ACG n. 335). Para seu funcionamento as comunidades têm um guia capaz de animar a vida espiritual e a ação pastoral. Disponibilidade de irmãos e de pessoal diretivo, oportunamente preparado, são, pois, cálculos que devem ser feitos, sem perder a iniciativa e coragem que sempre caracterizaram a ação salesiana.

— Vem então um terceiro fator: *a qualidade pastoral*. A “procurada” na prévia elaboração de projetos, que privilegia os setores mais determinantes para a educação dos jovens na fé, e a “atingida” na atuação concreta de quanto foi programado. É preciso, com efeito, avaliar a realidade mais que as folhas escritas ou as intenções.

A qualidade pastoral é a preocupação central do CG23: “O caminho de fé dos jovens exige que a comunidade se insira no contexto e no mundo juvenil com uma nova qualidade pastoral” (cf. CG23, p. 134). Sobre ela insistem as seis deliberações capitulares, como também as orientações operativas que vêm a propósito de limites observados nos diversos tipos de presença, isto é, nos ambientes de amplo acolhimento, nas obras de educação sistemática, nos grupos e nas grandes concentrações juvenis, nas comunidades para jovens em dificuldade. Ela se mede pelo caminho de fé que conseguimos propor aos jovens e pelo ambiente educativo que criamos.

Pede, por isso, que se revejam os resultados do atual estilo de ação, que se recupere a dimensão de profundidade e se articulem as propostas passando das mais gerais e fundamentais a outras mais específicas ou exigentes, até chegar a uma proposta personalizada e ao acompanhamento pessoal dos jovens mais dispostos.

A significatividade não toma em consideração apenas a estrutura e a colocação da obra, mas o projeto educativo que se está executando: é isto que se deve verificar em toda presença.

— Um quarto elemento de significatividade é o propósito e a capacidade de *agregar outras forças*, para as quais a comunidade religiosa pode tornar-se centro de comunhão e participação. Somos significativos quando quem quer empenhar-se encontra na nossa comunidade referência, apoio e acolhida.

Vêm a propósito dois apelos do CG23: o que pede que os Salesianos sejam preparados para a animação (CG23, 223) e o que acena às diversas realidades a serem animadas, cada uma com as próprias possibilidades de formação, de envolvimento, de coresponsabilidade: a comunidade educativa, a Família Salesiana, o Movimento Salesiano.

Isto também é considerado estreitamente ligado à qualidade pastoral enquanto cria “o ambiente humano” em que os jovens podem entrar em contato com “crentes” que se acham perto deles: “O caminho de fé dos jovens exige que a comunidade salesiana se torne animadora da comunidade educativa pastoral e da Família Salesiana” (CG23 1.3, p. 137). O cumprimento desta deliberação revela-se de particular urgência. Com efeito, a Congregação no fim do sexênio deveria ter dado existência a tal realidade em todas as suas presenças (CG23, 236). Será, portanto, um dos indicadores para verificar o caminho percorrido nos próximos seis anos.

— Enfim, elemento de significatividade é a relação, a inserção e o impacto da nossa presença sobre a *região*. Algumas comunidades tornaram-se ponto de referência para iniciativas no campo social, cultural e religioso. Delas partem mensagens. As pessoas sabem que podem chegar-se a elas e confiar nelas para um confronto

esclarecedor, para uma iniciativa comum, para fazer amadurecer uma mentalidade, para moderar tendências e fazer circular mensagens. A comunidade, afirma ainda o CG23 (n. 226), “deve adquirir (...) a capacidade de dialogar com a realidade circunstante, com as instituições sociais e educativas do bairro e da cidade; a capacidade de irradiar sua paixão educativa (...), de interagir continuamente com a realidade (...) na qual se acha vitalmente inserida”.

3. O caminho para uma maior significatividade

O que se propõe não é, portanto, apenas uma reestruturação material ou um deslocamento de pessoas, mas um *modelo de intervenção pastoral* no qual se pedem às comunidades salesianas algumas atenções preferenciais e se lhes confia um papel mais amplo e incisivo de orientação e animação.

Por outra parte, a fim de prover de forma eficaz o melhor emprego das pessoas, a formação de comunidades, o projeto pastoral, a animação da comunidade educativa e da Família Salesiana, a incidência sobre o contexto, dever-se-ão fazer necessariamente operações de adequação.

As primeiras e mais urgentes são as que tendem a *regenerar, potencializar e multiplicar os recursos*. Já estão indicadas no CG23, mas podemos lembrá-las:

- assegurar e programar a formação permanente dos Salesianos, particularmente dos chamados a orientar as comunidades;
- dar organicidade e consistência à preparação dos leigos, investindo energias, tempo e, se necessário, também dinheiro;
- preparar, apoiar e juntar propostas diversificadas de vida cristã para os jovens, especialmente na linha vocacional;
- tornar eficazes os organismos de animação inspetorial definindo bem suas funções e estabelecendo entre as comunidades e eles uma ligação de mútuo entendimento.

Mas além destas operações de melhoramento exigir-se-ão também *outras de reestruturação*: reforço dos setores ou atividades que respondem melhor às atuais urgências, reduções ou cortes das

que, conquanto válidas em si, oferecem menor possibilidade de incidir sobre os jovens e sobre o ambiente, recolocação de forças em contextos novos.

Visto que se trata de conseguir uma melhor qualidade pastoral, os irmãos e as comunidades locais são solidariamente co-responsáveis na busca de significatividade. E é esta, talvez, uma novidade da presente etapa: confiamo-nos à renovação e à capacidade criativa dos grupos locais diante do próprio trabalho educativo.

Mas cabe aos *organismos inspetoriais* uma grande responsabilidade. Cada uma das atividades, cada presença e cada obra deve ser vista no contexto amplo da missão da Inspeção. É este o horizonte pelo qual se julga a maior ou menor significatividade e as prioridades que se devem estabelecer. As Inspeções que operam num único contexto são convidadas a projetar juntas a significatividade em nível amplo. Há, com efeito, iniciativas e presenças capazes de operar e influir em vasto âmbito e que têm necessidade de visão mais ampla e de generosa colaboração por parte de todos.

No processo de ressignificação da presença salesiana todos são chamados a dar a própria contribuição para um cuidadoso discernimento, ao passo que aos organismos competentes se pede que tomem as decisões oportunas. Haverá, pois, o período de estudo das medidas que se devem tomar com ampla participação dos irmãos interessados, mas as soluções não devem ser adiadas à espera de um consenso total.

Os já próximos Capítulos Inspeçãois são um momento excepcional para “rever e tornar a projetar cada uma das obras da Inspeção em ordem à significatividade eclesial e social” (CG23, 227).

Servem-nos como referência as orientações do CG23 e alguns subsídios já apresentados pelo Conselho Geral sobre as deliberações do Capítulo.

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.2 ELEMENTOS E LINHAS PARA UM PROJETO LEIGOS 'materiais para a elaboração de um projeto inspetorial' APONTAMENTOS PARA AS COMUNIDADES

P. Antonio MARTINELLI

Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação Social

Introdução

Nos meses passados todas as comunidades inspetoriais receberam do Conselho Geral um “subsídio”, como resposta e cumprimento da terceira deliberação capitular, contida no número 238 dos Atos do CG23: “O Reitor-Mor, por intermédio dos dicastérios competentes, ofereça elementos e linhas para um Projeto Leigos...”.

A convicção de se tratar de um argumento importante e, por alguns aspectos, determinante da modalidade de presença salesiana no próximo futuro, levou o Conselho a trabalhar sobre o argumento “leigos” com precedência em relação a outros problemas, ainda que urgentes na vida da Congregação.

No intuito de oferecer um estímulo à reflexão e à decisão dos Capítulos inspetoriais que se estão celebrando ou se celebrarão em 1992, as poucas páginas do documento assumem um papel de orientação para os Salesianos e de animação para os leigos. É, porém, uma orientação que vai além da data material dos Capítulos.

Neste sentido quis recolher estes *apontamentos para as comunidades*. Elas deverão retomar continuamente o tema “leigos” para adaptá-lo ao desenvolvimento da Igreja e às situações novas e mudáveis da realidade quotidiana.

Não ficam esquecidas *duas observações iniciais*, para que as comunidades não se sintam sobrecarregadas de “coisas novas” para fazer, mas sejam capazes de renovar as atitudes que devem assumir no trabalho de todos os dias.

Primeira observação: o tema “leigos” não é um tema setorial, porque atinge todos os dicastérios da Congregação, ou seja toda a organização inspetorial e as atividades das comunidades locais. Interessa a economia, mas também a pastoral juvenil; diz respeito à formação e não exclui a comunicação social; empenha a Família Salesiana e a dimensão missionária. Pode-se com razão afirmar que o “leigo” está inserido em toda a vida e atividade salesiana. Conseqüentemente, nenhum irmão pode imaginar que se esteja tocando um problema que foge às suas perspectivas.

Segunda observação: certamente pede-se muito aos leigos no momento presente. A motivação? É simples: eles estão fazendo muito, podem fazer muito mais, e é preciso “chamar” muitos outros ainda, ajudando-os a vencer o medo do compromisso.

As orientações que nascem do subsídio

Todas as comunidades são convidadas a uma reflexão conjunta sobre as seguintes orientações.

Primeiro

Um subsídio para *ser conhecido por experiência direta*.

Não é apenas um conhecimento intelectual; é um conhecimento que deriva da aplicação das indicações do subsídio.

Vamos dar um exemplo.

A primeira parte é, sem dúvida, importante para a reflexão doutrinal da Igreja conciliar e pós-conciliar e para o conhecimento da tradição salesiana. Tende, porém, a definir os contornos reais do “leigo” que tomamos em consideração, para não misturar alhos com bugalhos, e saber distinguir entre os que são leigos na nossa comunidade o “leigo” que é o destinatário particular da perspectiva que a Congregação apresenta com o documento.

É útil retomar uma palavra do Reitor-Mor, pronunciada alguns anos atrás: “Por leigos entendemos aqui os cristãos membros da Igreja católica que estando no mundo segundo seu típico caráter secular, estão dispostos a viver o Batismo em missão conosco. (...) Considero vital este esclarecimento; sem ele jamais faremos decolar na Igreja um verdadeiro movimento espiritual de pessoas (cf. Const. 5). Não se trata de excluir da nossa atenção e de um adequado envolvimento (de nível diferente); tantos outros colaboradores, ex-alunos e amigos (...) para além até das confissões religiosas” (Egidio Viganò, *La promozione del laico nella Famiglia Salesiana*, em *La Famiglia Salesiana di Don Bosco*, LDC, p. 222.)

Segundo

A introdução do tema “leigo” na comunidade exige a disponibilidade, declarada e verificada, de *ficar abertos à mudança de mentalidade*.

Parece ser este o ponto de maior importância, ao iniciar o processo de integração harmônica do leigo na vida educativa e pastoral da comunidade, em todos os níveis. O CG23 afirma de maneira inequívoca: “Urge, portanto, uma mudança de mentalidade... em primeiro lugar nos salesianos” (CG23, 232).

A comunidade é chamada a aceitar este difícil êxodo de quanto já viveu, considerando tudo o que emerge da reflexão da Igreja não uma simples repetição de afirmações antigas, mas o estímulo “a organizar-se de forma renovada. Um Projeto Leigos, ao deslocar a comunidade para a ‘vertente do mundo’, exige uma maneira diversa de organizar a dimensão comunitária e apostólica, também com referência aos espaços materiais destinados à comunidade religiosa” (cf. *Elementi e linee...* terceira parte, n. 3.1.1.).

Conseqüentemente, deverá, no plano da atividade concreta, “privilegiar as funções de animação diante dos serviços de administração, e cuidar muito mais do trabalho de formação de leigos, colaboradores e co-responsáveis, do que de outros empenhos” (ib.).

Em geral a comunidade não encontra dificuldades insuperáveis quando se trata de afirmar os grandes princípios orientadores e

gerais da vida salesiana. As complicações e as incompreensões nascem no momento da aplicação concreta aos contextos quotidianos. Ninguém está disposto a negar originalidade de presença e de ação aos leigos na missão salesiana! Nem todos, porém, se mostram dispostos depois a tirar as devidas conclusões.

Se não se der esse passo, todos os demais correm o risco de serem um tanto formais.

Terceiro

O termo e a realidade “leigos” é *um tema “gerador” de reflexão ulterior e de ulterior operatividade.*

Vem a ser um núcleo capaz de abranger o conjunto que constitui toda a Igreja de Deus e de relançá-lo de uma perspectiva que ajuda a reler as suas características (comunhão, serviço, testemunho, liturgia, etc.) a partir do laicato, tal como faz a exortação pontifícia *Christifideles Laici*.

Evidentemente o tema “leigos” engloba de maneira direta a consideração sobre os “presbíteros” e sobre os “religiosos”. Toca na sua profundidade o ministério do clero e o testemunho dos religiosos. Recompõe-se a unidade e a comunhão do conjunto, enquanto ao estado laical se ordenam, em certa medida, as demais realidades de Igreja. O Povo de Deus, sacramento universal de salvação, é orientado à relação com o mundo, em vista da sua realidade evolutiva.

Torna-se então mais fácil a passagem da reflexão à ação. A complementaridade diz, com efeito, riqueza da globalidade e corresponsabilidade de cada parte.

O breve subsídio oferecido às comunidades insiste freqüentemente sobre os seguintes aspectos: globalidade e interdependência entre quantos são expressão da Igreja de Deus; complementaridade e originalidade da contribuição de cada parte ao conjunto; presença e intervenção articulada para a construção do Reino de Deus.

“O fato de haver leigos em missão conosco, e de nós com eles, não é meramente uma soma quantitativa de forças e muito menos uma suplência forçada para compensar as nossas perdas e as ausências.

Trata-se de uma comunhão mutuamente enriquecedora entre vocações distintas mas complementares na Igreja. Há entre elas intercâmbio dos valores que melhoram a qualidade de cada uma das vocações revigorando-lhes a identidade, melhorando-lhes a incisividade e enriquecendo-as de atualidade” (cf. P. Egidio Viganó, o. c., p. 227).

Quarto

Um elemento prioritário: *a formação dos leigos*.

O CG23 muito oportunamente define os setores da formação: “promova a profissionalidade, a capacidade educativa e o testemunho em ordem à educação da fé” (CG23, 237).

O subsídio do Conselho Geral volta com insistência a este ponto. Lembra sua importância e faz dele um dever preciso da comunidade salesiana: “cuidar mais das iniciativas de formação de leigos, colaboradores e co-responsáveis, diante de outros empenhos” (*Elementi e linee...*, 3.1.1.).

Tenta uma lista de ações possíveis que a comunidade deve programar para um caminho formativo. Deve-se notar o espírito que anima as atividades previstas: a formação recebe um impulso dos empenhos operativos e apostólicos que somos chamados a desenvolver. Trata-se de uma formação no campo de ação.

Aponta, em seguida, um caminho concreto de formação, apresentando um quadro de referência que se deve ter presente como critério das opções operativas com os leigos, em harmonia com a profissionalidade, o testemunho cristão e a sensibilidade salesiana. Ajudar o crescimento dos leigos e acompanhá-los nas seguintes áreas da formação:

- “área da animação juvenil
- área da cultura e da educação
- área da competência profissional
- área da evangelização e da experiência religiosa
- área da espiritualidade e da salesianidade” (*Elementi e linee...*, 3.2.2.).

Não falta, enfim, um apelo à união inspetorial em matéria de formação dos leigos: “Unir em âmbito inspetorial os leigos das diversas

presenças mediante dias anuais de encontro e reflexão; mas também de verificação comum mais ampla” (*Elementi e linee...*, 4.2.4.).

Um aspecto será significativo e importante no subsídio: o tema ‘formação’ interessa ao mesmo tempo salesianos e leigos. Há uma insistência que deve ser recuperada e orientada em linha prática: as referências são as seguintes: 3.2./3.2.1./3.2.3.

Quinto

O leigo da Família Salesiana: *o cooperador*.

Não se esqueça, sobretudo, a Introdução ao subsídio.

“Colocados ante a multiformidade da figura do leigo nas nossas comunidades, imaginamos um ‘projeto salesiano’ . O projeto nasce da partilha de alguns conteúdos que se podem encontrar em todas as Inspetorias do mundo. São valores e riquezas de espírito e espiritualidade, que Dom Bosco viveu, organizou na sua experiência de Família Salesiana, deixou em herança a quantos nele se inspiram. Só o fato de reconhecer a ‘linha vermelha ideal’ que une todos, filhos e amigos, colocará em evidência o ‘movimento’ espiritual e educativo em que vivem os nossos leigos. O empenho proposto pelo Capítulo Geral tem as dimensões de um desafio. O resultado que nos propomos retoma o ‘sonho de Dom Bosco’ que queria introduzir na Igreja e na sociedade leigos formados no seu carisma e com o seu espírito, ‘cooperadores’ para o bem dos jovens” (da *Introdução de Elementi e linee...*).

A perspectiva posta desde o começo encontra depois outros desenvolvimentos na mesma linha.

Mais uma citação servirá para captar a intencionalidade profunda do subsídio. “Falando de ‘leigos’ é importante salientar a expressão mais alta que vive na Família Salesiana e é representada pelos Cooperadores. Seu estatuto leigo fundamental é representado pela exortação apostólica pós-sinodal de João Paulo II sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo *Christifideles Laici*” (*Elementi e linee...*, 2/2/1).

A indicação apresentada pelo subsídio orienta o trabalho da comunidade salesiana, enquanto:

— dá um objetivo concreto à formação com os leigos, pondo os cooperadores não somente no final do processo formativo como resultado desejado do trabalho com eles, mas envolvendo-os no trabalho de formação em relação a todos os outros colaboradores leigos;

— empenha a difundir amplamente o espírito salesiano em todas as presenças, como alma de um itinerário de crescimento, para salesianos e leigos;

— cria as condições para “tornar visível e operante a Família Salesiana” (cf. *Elementi e linee...*, 3.3.4) numa determinada zona educativa e apostólica.

Sexto

A co-responsabilidade dos leigos é o papel de tornassol para todas as comunidades e presenças salesianas.

O subsídio quer ser muito concreto à luz das deliberações do CG23.

Primeiramente insiste por várias vezes em temas ligados entre si, como “comunhão, colaboração, co-responsabilidade” (cf. *Elementi e linee...*, n. 1.1./1.2./3.1.3./3.2.2./3.3.1./4.1/4.2/4.3/4.4.).

Apresenta em seguida três realizações.

Primeira realização: *a comunidade educativa*

“A constituição da comunidade educativa é o primeiro objetivo, concreto e particular do Projeto Leigos” (*Elementi e linee...*, 3.3.1.).

Haverá termos e nomenclaturas particulares nos particulares ambientes educativos e pastorais; a realização deve ser a mesma, isto é, uma realidade que “envolve em clima de família jovens e adultos, pais e educadores” (CG23, 232), e representa “o sujeito global responsável de todo o processo de crescimento, o lugar natural de formação e de qualificação educativa, espiritual, salesiana” (*Elementi e linee...*, 3.3.1.).

Não faz parte destes “apontamentos para as comunidades” representar a tão rica literatura salesiana respeito à comunidade educativa.

Em chave de “co-responsabilidade” deve-se fazer notar que uma comunidade educativa viva e operante, envolvente tal como pedem os Atos dos vários Capítulos Gerais da Congregação, gera outros organismos de participação e de responsabilidade. Forma um novo mecanismo de crescimento. O número 4.1. de *Elementi e linee* exprime a exigência de repensar dentro das diferentes presenças salesianas papéis e funções dos religiosos e dos leigos.

Se falta o primeiro passo, isto é, a constituição da comunidade educativa, não se poderão dar todos os demais que são uma consequência natural.

Segunda realização: *criar modelos operativos de co-responsabilidade global e particular* (cf. *Elementi e linee...*, 3.3.3).

Os hábitos muitas vezes dirigem as ações e as opções. Afastar-se do já-conhecido não é fácil para ninguém. Mas não há só uma maneira de agir. Os modelos operativos podem ser múltiplos e todos podem atingir o escopo. Modelos renovados ou completamente novos na gestão das atividades e nas relações entre organismos têm necessidade de estudo e experimentação. O subsídio insiste sobre o primeiro (o estudo) e a segunda (a experimentação).

O ponto de partida para a criação de modelos novos é a assunção da perspectiva da “originalidade” e da “responsabilidade” do leigo (cf. *Elementi e linee...*, 3.2.3.). A olharmos as coisas deste outro ponto de vista surgirão itinerários diferentes em relação aos utilizados até hoje.

João Paulo II na exortação pós-sinodal *Christifideles Laici* lembra os horizontes dentro dos quais se realiza a existência do leigo: a comunhão e a co-responsabilidade. “No contexto da missão da Igreja o Senhor confia aos fiéis leigos, em comunhão com todos os outros membros do Povo de Deus, uma grande parte de responsabilidade. Os sagrados Pastores conhecem perfeitamente quanto contribuem os leigos para o bem de toda a Igreja” (CL 32/e).

Terceira realização: *assunção de papéis diretivos por parte dos leigos*.

Deixo falar diretamente o texto do subsídio, porque com expressões breves e simples diz bem o que se pede às comunidades salesianas.

“Não se pode excluir a priori a assunção de papéis diretivos por parte do leigo. Em algumas situações, talvez, é já um dado de fato. Em outros casos deve-se prever com maior visão. Deve-se colocar sempre num contexto de respeito da pessoa e da função. As comunidades têm de dar muitos passos na aceitação cada vez mais cordial da realidade que muda” (*Elementi e linee...*, 3.2.3.).

Esta última etapa assinala o caminho real de formação que fizemos junto com os leigos. As delongas devidas à não-preparação dos colaboradores por serviços de responsabilidade direta serão superadas somente pelo empenho da comunidade no setor da formação, e pela aceitação cordial da nova cultura que, mesmo dentro da Igreja, descobre a nova participação e função do laicato.

Sétimo

O subsídio ajuda a captar o significado global da deliberação capitular Projeto leigos.

Particular tarefa é dada aos responsáveis das Inspetorias salesianas em relação aos irmãos e às comunidades: devem guiar um caminho educativo que não é fácil. *Elementi e linee...* expressam-se com as seguintes palavras, já lembradas: “A tomada de consciência deverá levar a comunidade salesiana a organizar-se de forma renovada. Um Projeto Leigos, deslocando a comunidade para a “vertente do mundo”, exige uma maneira diversa de organizar a dimensão comunitária e apostólica, mesmo com referência aos espaços materiais destinados à comunidade religiosa” (3.1.1.).

Adquire significado e importância o “território” (*Elementi e linee...* 4.3.4.,4).

Põe-se em evidência o peso específico da “cultura” (*Elementi e linee...*, 3.1.4.).

Encontram espaço os “novos empenhos seculares” lembrados pela *Christifideles Laici* nos números 34-44.

Aprofunda-se a relação, tão significativa e determinante hoje na evangelização, entre Igreja e mundo.

Descobre-se a vocação salesiana que desde as origens partilhou com muitos leigos o caminho educativo, evangelizador e catequético.

Conclusão

O último parágrafo do subsídio (*Elementi e linee...*, 4.5.) — “apoio por parte do Conselho Geral” - interessa diretamente todas as comunidades salesianas. O compromisso expresso pelo Conselho tem necessidade da colaboração de todos.

Por isso, antes de concluir os “apontamentos para as comunidades”, faço um convite aos senhores Inspetores e aos Diretores: pelas suas respostas será possível continuar eficazmente o diálogo sobre o Projeto Leigos.

Peço que me enviem EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO que estejam sendo feitas na Inspeção e nas comunidades locais. Em concreto: peço o plano de formação “profissional, evangélico e salesiano” dos nossos colaboradores:

- com as indicações do levantamento das exigências e urgências que partam deles próprios;
- com a descrição dos conteúdos e dos objetivos que a Inspeção ou a comunidade local se prefixaram;
- com a apresentação de metodologias particulares empregadas na realização da experiência.

Peço, além disso, que me sejam enviadas EXPERIÊNCIAS DE CO-RESPONSABILIDADE, tanto falando da comunidade educativa, como dos novos modelos de co-responsabilidade e da assunção de responsabilidades diretivas por parte dos leigos (no espírito das indicações apresentadas no ponto “sexto” da reflexão).

É importante indicar com clareza:

- o tipo de obra em que se desenvolve a experiência,
- a atividade que é confiada à direção de um leigo,
- o setor envolvido na experiência.

É evidente que estamos falando aqui de obra, atividade e setor em que estejam presentes salesianos e leigos, e que não nos referimos a iniciativas totalmente assumidas pelos leigos.

Peço o favor de receber o material DENTRO DO MÊS DE JULHO DE 1992.

Após atenta consideração do material enviado poder-se-á atender a quanto resta do conteúdo do n. 4.5 do subsídio para o Projeto Leigos, isto é:

- a circulação das experiências que se estão fazendo,
- a preparação de fichas-guia para a formação dos leigos colaboradores,
- o estudo de possíveis junções regionais e mundiais para o acompanhamento dos leigos no amadurecimento de sua co-responsabilidade.

Uma coisa puxa outra, dizia Dom Bosco.

Nós nos confiamos ao Espírito do Senhor, na convicção de que o caminho empreendido podera levar... muito longe para o bem dos jovens confiados à nossa missão.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1 Crônica do Reitor-Mor

O Reitor-Mor encerrou o ano de 1991 apresentando, como já é tradição, a Lembrança-92, na tarde de 31 de dezembro, primeiramente às FMA em sua Casa Geral, depois aos SDB na Pisana; dia 5 de janeiro apresentou a Lembrança à Família Salesiana de Roma.

Em janeiro, assim que terminou a sessão plenária do Conselho Geral, tomou parte — encerrando-o — no encontro sobre a Pastoral das vocações (12 de janeiro); em seguida, pregou o retiro espiritual aos diretores da Inspeção Lombardo-Emiliana, reunidos na nossa Casa Geral, de 12 a 18 de janeiro. Em 17 de janeiro, assinou, com S. Em.^a o Card. Angelo Sodano, na Secretaria de Estado, a renovação do Convênio entre a Sé Apostólica e a Congregação em relação à comunidade salesiana da Poliglota.

Foram momentos de importância: dia 2 de fevereiro, na Basilica de S. Pedro, a concelebração com o Santo Padre e com seis Superiores Gerais por ocasião do Dia da Vida Consagrada; em 4 de fevereiro, o convite para participar da reunião do Conselho do Sínodo, para a preparação do Sínodo de 1994 sobre a vida

religiosa; dia 6 de fevereiro, a participação no encontro romano de catequese por ocasião do 50º da LDC.

Foram diversos os encontros com irmãos e grupos da Família Salesiana em várias localidades. Dia 26 de janeiro esteve em Salerno para celebrar, com a Família Salesiana, a festa de Dom Bosco. De 6 a 10 de fevereiro, visitou a Inspeção da França do Sul: em Marselha, Montpellier e Lião encontrou-se com as comunidades e com a Família Salesiana, celebrando — em particular — os 25 anos da obra “Nossa Senhora dos Mínimos”. Dia 24 de fevereiro fez rápida visita a Sondrio; e, no dia 29 do mesmo mês, visitou a nova obra iniciada na República de San Marino.

Dia 7 de março, o Reitor-Mor partiu para Madri onde, por ocasião do quinquagésimo aniversário da divisão da única Inspeção das FMA na Espanha nas três atuais, pregou um retiro espiritual às diretoras das três Inspeções.

Destaque especial merece o dia 31 de janeiro, solenidade de S. João Bosco, que não viu o Reitor-Mor em Turim, como de costume, mas em Roma, no “Auxilium”, onde participou da alegria da visita ex-

traordinária que o Papa João Paulo II quis dar a essa Faculdade pedagógica e a todo o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.

4.2 Crônica do Conselho Geral

A sessão plenária do Conselho Geral começou em 1º de novembro de 1991 com um evento de graça realmente especial: os exercícios espirituais feitos na Terra Santa, nas pegadas de Jesus e do seu Evangelho. Acolhidos com muita cordialidade pelo Inspetor e pelos irmãos e guiados na reflexão pelo P. Juan Bosco-Vernet, professor de Escritura no nosso Estudantado Teológico de Cremisan, o Reitor-Mor e os Conselheiros estiveram nos lugares percorridos pelo Salvador, na contemplação dos seus mistérios, a fim de receber graça e força espiritual para si e para a Congregação.

Ocasão particular para esta experiência extraordinária do Espírito foi a celebração do centenário da chegada dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora à Terra Santa: o Reitor-Mor e o Conselho, juntamente com a Superiora Geral das FMA, comemoraram o evento — nos dias 9 e 10 de novembro — em Nazaré primeiro e depois em Belém, juntamente com irmãos e irmãs do Oriente Médio. Muito significativa (como já se noticiou no n. 339 dos ACG) foi a colação da cidadania

honorária de Belém ao VII Sucessor de Dom Bosco e à Madre.

Após a volta da Terra Santa, em 12 de novembro, iniciaram-se as reuniões do Conselho, que, com ritmo intenso, foram-se sucedendo até 10 de janeiro de 1992. Uma pausa nos trabalhos plenários (continuando, porém, as reuniões de “administração ordinária” e os trabalhos por grupos) se deu nos dias da participação do Reitor-Mor no Sínodo especial dos Bispos da Europa.

Muitos, como sempre, os temas tratados no Conselho. Além das questões “ordinárias” (nomeações de Conselheiros inspetoriais e de Diretores, abertura e ereção de casas, assuntos de caráter econômico e administrativo, etc.) podem-se citar os seguintes pontos de maior relevo.

1. *Nomeações de Inspetores.* Após acurado discernimento com base nas consultas inspetoriais, o Conselho deu o consentimento à nomeação dos seguintes Inspetores, para o sexênio 1992-1998: P. Franco Dalla Valle (Brasil-Manaus), P. Michael Cunningham (Grã-Bretanha), P. André Asma (Holanda), P. Joseph Prathan (Tailândia). Foram nomeados os Superiores das novas circunscrições jurídicas, aprovadas já nas sessões anteriores: P. Jacques Mésidor, para a Visitadoria do Haiti, P. Benjamin Puthota para a Inspeção de Andhra Pradesh (Índia) e

P. Pietro Zago para a Inspeção do Sul das Filipinas.

2. *Relações dos Conselheiros.* Cada Conselheiro apresentou uma relação sobre as visitas e atividades desenvolvidas no período agosto-outubro de 1991. Dessas informações foram extraídos pontos específicos, que serão depois considerados com maior profundidade.

3. *Visitas extraordinárias.* Particular importância foi dada, como sempre, às relações das “visitas extraordinárias”. Foram três as Inspeções visitadas neste período: Brasil-Recife, Filipinas e Holanda; e também a Visitadoria do Canadá (Leste).

4. *Argumentos particulares de reflexão.* Como nas outras sessões, o Conselho aprofundou especialmente alguns temas particulares, de interesse para a animação da Congregação, que haviam surgido no discernimento feito em reuniões anteriores. Eis a lista dos argumentos mais importantes estudados.

4.1 *Significatividade das presenças salesianas.* Prosseguindo no estudo iniciado em julho de 1991, foram aprofundados os “critérios” para a “significatividade” da presença e da obra salesiana, em resposta a quanto foi pedido pelo CG23. Em “orientações e diretrizes” deste número dos ACG (cf. 2.1) o Vigário do

Reitor-Mor apresenta algumas das orientações provenientes das reflexões do Conselho Geral.

4.2 *Política informativa da Congregação.* Como desenvolvimento do programa do Dicastério da Comunicação Social e após o trabalho feito pela “Consultoria Mundial para a Informação”, o Conselho Geral examinou e aprovou as linhas gerais e a primeira parte de um documento sobre a *Política informativa da Congregação*: trata-se de um documento que pretende ser orientativo para o empenho da Congregação neste setor específico da informação.

Com referência concreta à informação em nível de Direção Geral, o Conselho estudou uma proposta apresentada pelo Dicastério com vistas a uma possível *Agência de Notícias* de tipo profissional. Para tanto foi encaminhado um estudo detalhado do projeto, servindo-se da consulta de uma agência profissional espanhola.

Sempre no setor da Comunicação, continuou-se o estudo da *renovação e relançamento do Boletim Salesiano*, do qual já haviam sido estudados alguns elementos na sessão anterior. Foram aprovados novos passos para um maior crescimento e eficácia do Boletim Salesiano em língua italiana (um “grupo ou conselho de administração” cuidará dos diversos aspectos da gestão do

Boletim); assinalaram-se também perspectivas para os Boletins em outras línguas.

4.3 *Coordenação do Projeto África.* O Conselho Geral começou a examinar algumas perspectivas para um plano de coordenação das presenças salesianas na África, com base nas orientações dadas a respeito no CG23.

No âmbito da coordenação foi aprovada a figura de um *Delegado dos Inspetores para a África Ocidental de língua francesa*, segundo a proposta feita pela Conferência Inspetorial Ibérica. O citado Delegado agirá em sintonia com o Conselheiro para as Missões, na sua qualidade de Coordenador do Projeto África.

4.4 *Visita de conjunto.* Tendo em vista as “visitas de conjunto” que se realizarão a partir de 1993 nos diversos grupos de Inspetorias, o Conselho Geral começou a estudar

as modalidades para a preparação e o desenvolvimento, insistindo sobretudo no tema de fundo dos encontros. O estudo será retomado na próxima sessão.

4.5 *Alguns aspectos de animação e governo.* No âmbito específico da tarefa de animação do Conselho, foram examinados sobretudo os dois pontos seguintes, tendo em vista uma melhor coordenação..

a. *formas e níveis de comunicação* entre Dicastérios e Inspetorias da Congregação;

b. *co-responsabilidade na procura de pessoal* para as estruturas a serviço da Congregação (de modo especial: UPS, Casa Geral, comunidades formadoras internacionais).

As reuniões do Conselho terminaram em 10 de janeiro de 1992, e os Conselheiros partiram para as várias Regiões a fim de continuar o próprio serviço às comunidades e aos irmãos.

5.1 Decreto sobre as virtudes heróicas do Servo de Deus Vincenzo Cimatti.

Tradução do decreto sobre as virtudes heróicas praticadas pelo Servo de Deus Mons. Vincenzo Cimatti, publicado pela Congregação para as Causas dos Santos em 21 de dezembro de 1991.

“Virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul e tomarão parte na festa do Reino de Deus” (Lc 13,29), porque o próprio Deus “quer que todos os homens sejam salvos e cheguem a conhecer perfeitamente a verdade” (1Tm 2,4). Para atingir este objetivo, o Senhor Jesus instituiu a Igreja, confiando-lhe a missão de levar a luz da verdade e a vida da graça a todos os povos e a todos os homens.

Entre os que se distinguiram pelo zelo com que cooperaram na missão evangelizadora da Igreja, encontra-se o sacerdote Vincenzo Cimatti, que, colocando-se inteiramente a serviço de Cristo, testemunhou-o com a excelência das suas virtudes e com o fervor do seu apostolado.

O Servo de Deus nasceu em Borgo Durbecco, na periferia de

Faenza, em 15 de julho de 1879. Foram seus pais Giacomo Cimatti e Rosa Pasi, legítimos cônjuges, pobres de bens materiais, mas ricos de honestidade e de fé. Haviam nascido antes dele cinco irmãos e irmãs, entre os quais a Serva de Deus Maria Raffaella, Irmã Hospitaleira da Misericórdia († 1945), e Luigi, coadjutor salesiano, falecido em terra de missão († 1927). Na idade de três anos, pouco depois de ficar órfão de pai, a Providência fê-lo ver o P. João Bosco, que se encontrava em Faenza, em visita aos Salesianos. O próprio Servo de Deus contava que a piedosa mãe, erguendo-o nos braços, lhe disse: “Olha Dom Bosco!”. A imagem do Santo esculpiu-se na sua memória e pelo resto da vida olhou realmente para Dom Bosco a fim de imitá-lo no amor de Deus e das almas, conseguindo fazê-lo egregiamente.

Em 1888, entrou para o colégio salesiano da sua cidade e, amadurecendo-lhe a decisão de se tornar sacerdote na Sociedade Salesiana, continuou sua formação em Turim, revelando sempre fervorosa piedade, espírito de disciplina, singular capacidade para os estudos e a vontade de progredir sem trégua no caminho da perfeição cristã; de fato,

seu propósito foi sempre: “quero a todo o custo fazer-me santo, grande santo, logo santo”. Dia 4 de outubro de 1896, emitiu a profissão perpétua e em 18 de março de 1905 foi ordenado sacerdote pelo bispo Giovanni Cagliari. Entrementes, sem descuidar nenhum outro dever, tinha conseguido o diploma em canto coral (1900), porque dotado de especialíssimo talento para a música, e se tinha laureado na Universidade de Turim em Ciências Naturais (1903); em seguida conseguiu a láurea em Filosofia e Pedagogia (1906). Mas, como ele mesmo disse, suas aspirações voltavam-se para coisas muito mais importantes: “Daria todas as minhas láureas e diplomas para merecer a graça de ser missionário”. Todavia, teve de permanecer em Turim por quase vinte anos. Desempenhou várias funções, entre as quais a de conselheiro escolar, professor, mestre de música, diretor do oratório, diretor escolar da escola normal, diretor da comunidade religiosa de Valsalice dedicada à formação dos clérigos. Desempenhou cada um desses encargos com inteira dedicação, simplicidade e equilíbrio. Exerceu profunda e duradoura influência sobre os irmãos e sobre os alunos, que muito o estimavam pelo respeito e confiança que manifestava por qualquer pessoa, pela extraordinária bondade, pelo entusiasmo, alegria e humildade com que vivia a sua

consagração a Deus e se dedicava ao ensino e ao apostolado.

Finalmente seu antigo desejo foi atendido. Em dezembro de 1925, à testa de um grupo de irmãos, foi enviado ao Japão, para a nova missão de Miyazaki, que a Santa Sé havia confiado à Sociedade Salesiana. Em 1928, a missão tornou-se “sui iuris” e em 1935 foi elevada a Prefeitura Apostólica, sendo o Servo de Deus nomeado Prefeito Apostólico. De 1935 a 1949 foi também Inspetor das obras salesianas no Japão. Com pobreza de meios e por entre dificuldades de todo o gênero, inseriu-se no novo ambiente com o entusiasmo, fervor, prudência e caridade pastoral que lhe eram característicos. Desde o começo amou o Japão como a sua segunda pátria, assimilou seus usos e costumes ao ponto de poder dizer de si mesmo que se tinha tornado “japonês de mente e de coração”. Fez-se apreciar por todos pelo zelo, coragem, espírito de sacrifício e serenidade com que se dedicava às muitas e fadigas obras apostólicas. Aprendeu a língua japonesa, alimentou a vida religiosa dos cristãos com a catequese, a pregação, a participação nos sacramentos, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a Nossa Senhora Auxiliadora, a fundação de associações leigas. Teve especial cuidado pela formação dos meninos e dos jovens: favoreceu a abertura de um asilo para os órfãos e para os velhos, quis fosse fundada a Congre-

gação das Irmãs da Caridade de Miyazaki; abriu, em Tóquio, um oratório e uma escola profissional; interessou-se pela ereção de um pequeno seminário, do Estudantado Filosófico para os clérigos vindos da Itália, do noviciado, de novas igrejas. Foi um religioso sábio, humilde e respeitoso com os irmãos e foi para eles um modelo de vida sacerdotal, salesiana, missionária. Seguiu com interesse o desenvolvimento das Filhas de Maria Auxiliadora para a educação das meninas. Manteve boas relações com as várias autoridades e empregou todos os seus recursos pessoais, inclusivamente os musicais, para fazer conhecer Cristo e o seu Evangelho.

Ao iniciar-se a Segunda Guerra Mundial, o governo japonês pediu a todos os superiores eclesiásticos estrangeiros que se demitissem para deixar o cargo a membros do clero local. O Servo de Deus, pensando no bem da missão, obedeceu prontamente e pediu demissão do cargo de Prefeito Apostólico (1940), indo exercer o sagrado ministério numa paróquia de Tóquio.

Terminada a guerra, entregou-se a vasto e difícil trabalho de reconstrução da vida religiosa tanto dos irmãos como das comunidades cristãs. De 1952 a 1962, foi diretor do Estudantado de Chofu, onde, rico de méritos e rodeado de sólida fama de santidade, faleceu piedosamente, dia 6 de outubro de 1965.

Sua vida havia sido contínua oferta de si a Deus, à Igreja, à Sociedade Salesiana, às almas, antes na Itália e depois no Japão, com o único intento de cooperar com todas as suas forças para o crescimento do reino de Cristo. Fazer-se tudo para todos foi para ele um dever, que provinha não tanto do seu caráter, naturalmente generoso, mas de uma fé profundamente vivida, de uma caridade ardente para com Deus, de um amor operoso pelo próximo, especialmente pelos jovens, pelos humildes, pobres, doentes, pecadores, pelos não cristãos. E para se tornar um instrumento sempre mais dócil nas mãos de Deus, renegou de si mesmo, obedeceu prontamente à vontade de Deus e dos superiores, observou com fidelidade a regra que havia abraçado, praticou o desapego dos bens terrenos, teve em grande estima a pobreza e a mortificação, carregou com paciência a cruz do sacrifício e das dificuldades de cada dia; cultivou sobretudo a união com Deus mediante a piedosa celebração da Missa, a confissão semanal, a oração assídua, a devoção à Eucaristia e a Nossa Senhora. Olhos sempre voltados para Cristo, seu mestre, Amigo e Esperança, percorreu com passo firme o caminho da santidade e atingiu alto grau de perfeição.

Por esta razão, a fama de santidade de que gozou em vida, continuou e se consolidou após a morte. Então,

a pedido da Sociedade Salesiana de S. João Bosco, o arcebispo de Tóquio, D. Pedro Seiichi Shirayanagi, deu início à Causa de canonização, após haver obtido o *nihil obstat* da Santa Sé na forma do M. P. *Sanctitas Clarior*. Ao processo cognicional, celebrado na Cúria de Tóquio nos anos 1876-1878, juntou-se o processo de Turim (1978). Dia 22 de janeiro de 1982, foi promulgado o decreto sobre os escritos do Servo de Deus e, dia 29 de março de 1985, o decreto sobre a validade dos processos. Concluída a preparação da "Positio", realizou-se com bom êxito, dia 24 de setembro de 1991, o Congresso Peculiar dos Consultores Teólogos, presidido pelo Promotor da Fé, Mons. Antonio Petti. Então os Padres Cardeais e Bispos, na Congregação Ordinária de 10 de dezembro do mesmo ano, sendo ponente da Causa o Ex.^{mo} Cardeal Agnello Rossi, reconheceram que o Servo de Deus Vincenzo Cimatti exercitou em grau heróico as virtudes teológicas e cardeais.

Por fim, apresentada uma relação de tudo ao Sumo Pontífice João Paulo II pelo abaixo assinado Cardeal Prefeito, Sua Santidade, acolhendo e ratificando os votos da Congregação para as Causas dos Santos, determinou que fosse redigido o decreto sobre as virtudes heróicas do Servo de Deus.

Isto feito, convocando hoje o abaixo assinado Cardeal Prefeito, o

Cardeal Ponente da Causa, a mim Bispo Secretário da Congregação e quantos de hábito devem ser convocados, na presença deles o Santo Padre declarou solenemente que há certeza de que *as virtudes teológicas Fé, Esperança e Caridade, bem como as virtudes cardeais Prudência, Justiça, Temperança e Fortaleza, e outras a elas conexas, foram praticadas em grau heróico pelo Servo de Deus Vincenzo Cimatti, professo da Sociedade de São Francisco de Sales, que já foi Prefeito Apostólico de Miyazaki, no caso e para as finalidades de que se trata* (isto é, tendo em vista a canonização).

Determinou, além disso, que o Decreto seja publicado e conservado entre os atos da Congregação para as Causas dos Santos.

Dado em Roma, dia 21 de dezembro do ano do Senhor 1991.

ANGELUS Card. FELICI, *Prefeito*

* Edoardo Nowak, Arceb. tit. de Luni, *Secretário*

5.2 XV Semana de Espiritualidade da Família Salesiana

Realizou-se nos dias 20-25 de janeiro de 1992, no Salesianum em Roma, Casa Geral, a 15ª Semana de Espiritualidade, promovida pelo Dicastério da Família Salesiana, com a colaboração dos diversos Grupos da Família.

O tema girou em torno da Lembrança do Reitor-Mor para 1992: *A Doutrina Social da Igreja instrumento necessário de educação da fé*, continuando assim e desenvolvendo quanto resultou das reflexões e testemunhos do ano passado.

Sempre numerosa foi a participação na Semana de toda a Europa: grande a presença dos Salesianos (mais de 40), das Filhas de Maria Auxiliadora (também mais de 40); significativa a presença dos representantes dos vários grupos: Apóstolas da Sagrada Família, Irmãs Oblatas dos Sagrados Corações, Irmãs da Caridade de Miyazaki, Voluntárias de Dom Bosco, Cooperadores Salesianos, Ex-alunos de Dom Bosco e Ex-alunas das Filhas de Maria Auxiliadora, Associação de Maria Auxiliadora. O Conselheiro para a Família Salesiana coordenou os trabalhos, estando presentes o Reitor-Mor e a Vigária Geral das FMA.

A proposta dos relatores foi muito rica, e iluminou o tema sob diversos

aspectos, que ofereceram ampla panorâmica das relações entre doutrina social da Igreja e educação da fé, visando a uma proposta concreta para ser transmitida às comunidades e grupos apostólicos.

Uma primeira seção compreendia os *aspectos históricos* (20-21 de janeiro), que foram ilustrados em três relações: “A experiência salesiana de Valdocco e Mornese vivida entre educação da fé e empenho social” (Ir. Anita Deleidi, FMA), “A resposta salesiana à *Rerum Novarum*: pesquisa histórica sobre documentos e iniciativas” (P. José M. Prellezso, SDB), “A progressiva consciência da Família Salesiana do pós-concílio quanto à relação entre educação da fé e empenho social” (P. Mario Midali, SDB).

Uma segunda seção concentrou-se especificamente na Encíclica *Centesimus Annus*, como perspectiva particularmente atual para o nosso empenho. Dois os momentos de aprofundamento: um painel (21 de janeiro à tarde) com “Intervenções diversas sobre a *Centesimus Annus* de João Paulo II” e uma relação do P. Guido Gatti, SDB: “Orientações de princípio e linhas de empenho para uma educação da fé hoje, a partir da Encíclica *Centesimus Annus*” (22 de janeiro).

A terceira e a quarta seção (23 de janeiro) buscavam uma *proposta concreta*, tendo em vista *uma espiritualidade renovada*. A “propos-

ta concreta” foi estimulada pela relação do P. Ricardo Tonelli, SDB: “Um projeto de educação da fé atento à doutrina social da Igreja”; ao passo que a perspectiva da espiritualidade foi ilustrada numa mesa redonda sobre o tema: “Dizer a fé hoje em ambientes ‘problemáticos’: problemas e perspectiva para a vocação salesiana”. Neste contexto foram apresentadas situações especiais: ambientes de marginalização (P. Luigi Giovannoni, SDB), situações de pluralismo religioso (Karl Bopp e M. Lechner, contextos de islamismo (Ibtissma Kassis).

Como sempre, foram muito ricas as intervenções dos participantes, que também apresentaram experiências significativas. O trabalho de assembléia foi depois aprofundado e contextualizado nos trabalhos de grupo.

O Reitor-Mor, que acompanhou o andamento da Semana, apresentou no encerramento seu *comentário amplo e profundo à Lembrança*, com indicações operativas concretas.

Querendo resumir em alguns pontos a mensagem da Semana, o Conselheiro para a Família Salesiana destacou quatro *núcleos* merecedores de atenção:

1. *Dom Bosco Pai e Mestre*: Como Família Salesiana sentimos a necessidade de voltar à experiência que tem em Dom Bosco o ponto de partida também para quanto interessa a ‘sensibilidade’ para o social.

2. *A Centesimus Annus interpela a Família Salesiana*: As sugestões nascidas da apresentação da *Centesimus Annus* representam para nós o passo indispensável para ajudar cada um dos membros dos diversos grupos da Família Salesiana a se tornarem mais atentos à voz do Espírito nos contextos culturais concretos.

3. *As exigências da solidariedade e do serviço*: As duas palavras-realidade “solidariedade e serviço” podem juntar de maneira suficiente os elementos mais significativos de uma espiritualidade que se deixa iluminar pela *Centesimus Annus*.

4. *O perfil do educador salesiano hoje*: da experiência da Semana afloram indicações sobre a contribuição que a doutrina social da Igreja oferece à espiritualidade salesiana, especialmente à figura do educador salesiano.

São alguns núcleos de reflexão. A riqueza da Semana poderá ser avaliada na leitura dos Atos.

5.3 Decreto de ereção canônica da Inspeção Salesiana do Andhra Pradesh (Índia)

Prot. n. 031/92

O abaixo assinado
P. Egidio VIGANÓ
Reitor-Mor da Sociedade
Salesiana de São João Bosco,

- considerando o desenvolvimento da missão salesiana e a grande extensão territorial da Inspeção Salesiana “Sagrado Coração de Jesus” de BANGALORE (Índia);
- à vista da consulta efetuada na Inspeção;
- à vista do parecer favorável do Inspetor com seu Conselho;
- com o consentimento do Conselho Geral na reunião de 28 de junho de 1991, de acordo com Const. 132 §1,1 e Const. 156;
- com base no art. 156 das Constituições,

SEPARA da Inspeção “Sagrado Coração” de Bangalore as seguintes Casas:

- 1º CHANDUR “São João Bosco”
- 2º CUDDAPAH “Santo António de Pádua”
- 3º GUNTUR “São Miguel Arcanjo”
- 4º HYDERABAD “Santa Teresa do Menino Jesus”
- 5º HYDERABAD “São João Bosco”

6º HANGALAGIRI “São João Bosco”

7º PATSALA TADIPARRU “São João Bosco”

8º RAVULAPALEM “São João Bosco”

9º VIJAYAWADA “São João Bosco”

10º VIJAYAWADA “N. Senhora da Assunção”

e também as presenças salesianas em:

- GUNTUPALLI “São João Bosco”

- KONDADABA “São João Bosco”

- KURNOOL

- NUZVID “São Paulo”

- PUNGANNUR “São João Bosco”

e mediante o presente Decreto, ERIGE CANONICAMENTE, com as referidas Casas e presenças salesianas, a nova Inspeção Salesiana com sede em HYDERABAD - Don Bosco (Andhra Pradesh), sob o Título de “São José”.

Territorialmente ela compreende o Estado indiano do Andhra Pradesh.

O presente Decreto entrará em vigor dia 24 de abril de 1992.

Roma, 12 de janeiro de 1992.

P. Egidio VIGANÓ

Reitor-Mor

P. Francesco MARACCANI

Secretário Geral

5.4 Decreto de ereção canônica da Inspeção Salesiana das Filipinas (Sul) e Indonésia

Prot. n. 055/92

O abaixo assinado
P. Egidio VIGANÓ

Reitor-Mor da Sociedade
Salesiana de São João Bosco,

- considerando o desenvolvimento da missão salesiana e a extensão territorial da Inspeção Salesiana “São João Bosco” das Filipinas, com sede em Manila-Parañaque;
- à vista da consulta efetuada na Inspeção;
- à vista do parecer favorável do Inspetor com o seu Conselho;
- com o consentimento do Conselho Geral na reunião de 10 de julho de 1991, de acordo com Const. 132 §1,1 e Const. 156 :
- com base no art. 156 das Constituições,

SEPARA da Inspeção Salesiana “São João Bosco” de Manila as seguintes Casas do Sul das Filipinas e da Indonésia:

- 1º BACOLOD - Granada “Sagrado Coração de Jesus”
- 2º CEBU - Boys’Home “Imaculada Conceição”
- 3º CEBU - Boys’Town “São José”
- 4º CEBU - Pasil “Menino Jesus”
- 5º CEBU - Ponta Princesa “N. Senhora de Lourdes”
- 6º DUMAGUETE “São Luís”

7º LAWANAN TALISAY “São João Bosco”

8º VICTORIAS “São João Bosco”

9º BAUKAU (Timor-Timur, Indonésia) “São João Bosco”

10º DILI (Timor-Timur, Indonésia) “Maria Auxiliadora”

11º FUILORO (Timor-Timur, Indonésia) “São João Bosco”

12º FATUMAKA (Timor-Timur, Indonésia) “Nossa Senhora de Fátima”

13º JAKARTA (Indonésia) “Sagrado Coração de Jesus”

14º LAGA (Timor-Timur, Indonésia) “São João Bosco”

15º LOS PALOS (Timor-Timur, Indonésia) “São João Bosco”

16º VENILALE (Timor-Timur, Indonésia) “B. Filipe Rinaldi” e também as presenças salesianas em MAMBUCAL-Murcia (Negros Ocidental) e em MATI (Davao Oriental),

e mediante o presente Decreto, ERIGE CANONICAMENTE, com as referidas Casas e presenças salesianas, a nova Inspeção Salesiana com sede em CEBU, LAWANAN TALISAY (Filipinas), sob o Título de “Maria Auxiliadora”.

Territorialmente ela compreende o Sul das Filipinas e a Indonésia.

Roma, 31 de janeiro de 1992.

P. Egidio VIGANÓ

Reitor-Mor

P. Francesco MARACCANI

Secretário Geral

5.5 Novos Inspetores

1. *Benjamin PUTHOTA, Inspetor da Inspeção de Andhra Pradesh, Índia*

À frente da nova Inspeção do Andhra Pradesh, com sede em Hyderabad, Índia, foi nomeado o sacerdote *Benjamin PUTHOTA*.

Nasceu em Kilacheri, na Província de Madrastra, na Índia. Após haver freqüentado os estudos no colégio salesiano de Tirupattur, fez o noviciado em Kotagiri, onde fez a primeira profissão salesiana, em 24 de maio de 1952.

Depois dos estudos filosóficos e o tirocínio prático, freqüentou a teologia no estudantado salesiano de Shillong. Em 29 de junho de 1962 era ordenado sacerdote em Madrastra.

Consequindo o grau de Master of Arts, empenhou-se em trabalhos educativos e pastorais próprios da missão salesiana. Em 1969 foi feito diretor da casa salesiana de Guntur. Depois de um triênio, em 1973, era eleito Vigário do Inspetor de Madrastra; e no ano seguinte assumia também o encargo de diretor da casa inspetorial (Madrastra-Citadel).

Em 1976 os Superiores lhe confiavam o serviço de Inspetor da mesma Inspeção de Madrastra, serviço que desempenhou por um sexênio.

Desde 1985; o P. Puthota estava em Roma, na nossa Universidade

Pontificia Salesiana, onde os Superiores lhe confiaram — entre outros encargos previstos pelos Estatutos da Universidade — a importante função de Administrador. Foi quando o surpreendeu a nomeação para Inspetor.

2. *Pedro ZAGO, Inspetor da Inspeção das Filipinas do Sul*

Para a nova Inspeção das Filipinas do Sul, com sede em Cebu, Lawa-An Talisay foi escolhido o sac. *Pedro ZAGO*.

Nascido em Borgoricco, Província de Pádua, Itália, em 6 de janeiro de 1935, fez seus primeiros estudos no colégio salesiano de Chieri, passando depois ao noviciado de Pinerolo, terminado o qual fez a primeira profissão, em 16 de agosto de 1953.

Depois do tirocínio prático e dos estudos teológicos, feitos em Bollengo, foi ordenado sacerdote em Turim, dia 25 de março de 1953.

Conseguida a licença em Ciências da Educação, partiu para as Filipinas, onde logo se dedicou intensamente ao trabalho educativo pastoral.

Em 1969 foi chamado a dirigir a obra “São José” em Cebu (“Boys’ Town”) até 1973, quando foi nomeado Vigário do Inspetor e simultaneamente diretor da casa inspetorial em Paranaque-Manila.

Em 1976, depois de um triênio de serviço como Vigário inspetorial, foi eleito diretor da obra salesiana de Tondo em Manila, encargo que desempenhou por um sexênio. Em 1982, voltou a ser diretor de Cebu "Boys'Town", por seis anos. Em diversos períodos foi tam-

bém membro do Conselho inspetorial.

Desde 1990 achava-se em Papua Nova Guiné, primeiro como encarregado e depois como diretor da nova obra salesiana missionária, com uma ativa escola técnica, em Vunapope, nessa nação.

5.6 Estatísticas do pessoal salesiano em 31.12.91

Insp.	Tot.	Professos temporários				Professos perpétuos				Tot.	Noviços	Tot.
	1990	L	S	D	P	L	S	D	P	Professos		1991
AFC	235	15	31	C	0	26	9	C	143	224	16	240
AFE	72	1	9	0	0	13	16	0	43	82	0	82
AFM	64	1	1	C	0	7	2	C	51	62	2	64
ANT	193	3	40	0	0	16	5	0	120	184	7	191
ABA	218	1	17	C	0	14	7	C	163	202	5	207
ABB	151	1	8	0	1	16	6	0	118	150	1	151
ACO	178	7	24	C	0	11	16	C	117	175	5	180
ALP	121	2	9	0	0	13	9	0	79	112	0	112
ARO	148	2	23	C	0	18	9	C	9C	142	4	146
AUL	128	3	16	0	0	21	2	0	83	125	3	128
AUS	151	4	14	C	0	1C	1	1	113	143	C	143
BEN	221	0	10	0	0	22	7	0	176	215	3	218
BES	111	3	4	C	0	8	2	C	92	109	2	111
BOL	139	8	33	0	0	14	7	0	73	135	10	145
BBH	171	4	14	C	0	22	4	C	121	165	8	173
BCG	160	5	20	0	0	22	4	0	101	152	6	158
BMA	137	6	3C	C	0	2C	4	C	7C	130	5	135
BPA	112	0	10	0	0	11	1	0	89	111	5	116
BRE	93	2	12	C	0	16	1	C	5E	88	4	93
BSP	220	5	22	0	0	32	8	0	140	207	4	211
CAE	35	0	0	C	0	5	2	C	2E	36	1	37
CAM	257	12	56	0	0	23	11	0	147	249	11	260
CEB	175	3	4C	C	0	12	7	C	111	173	1E	192
CEP	224	5	36	0	14	9	8	1	137	210	8	218
CIL	264	5	52	C	0	22	17	C	155	251	8	259
CIN	143	0	7	0	0	36	4	0	93	140	2	142
COB	205	0	34	C	0	3E	9	C	117	198	1C	208
COM	169	1	37	0	0	20	7	0	97	162	8	170
ECU	251	8	22	C	0	2E	14	C	174	243	1E	256
FIL	375	28	109	0	0	32	16	1	167	353	14	367
FLY	169	0	4	C	0	3E	3	C	126	168	1	169
FPA	237	3	11	0	0	31	1	0	188	234	9	243
GRB	156	2	7	C	0	1E	8	C	117	152	1	153
GEK	192	8	17	0	0	39	5	0	114	183	0	183
GEM	311	11	1E	C	0	7C	7	C	200	306	3	309
GIA	135	3	19	0	0	20	2	0	89	133	7	140
INB	263	9	81	C	0	1E	1E	C	122	249	24	273
INC	308	7	51	0	0	35	25	0	175	293	11	304
IND	187	2	4E	C	0	6	17	C	107	177	17	194
ING	306	5	80	0	0	28	18	0	158	289	10	299
INK	329	1C	9E	C	0	12	43	C	155	313	3E	346
INM	391	6	133	0	0	27	32	0	181	379	24	403
IRL	132	0	11	C	0	9	3	C	104	127	4	131
IAD	166	2	5	0	0	31	4	0	122	164	1	165

Insp.	Tot.	Professos temporários				Professos perpétuos				Tot.	Noviços	Tot.
	1990	L	S	D	P	L	S	D	P	Professos		1991
ICE	351	4	12	C	0	130	4	1	192	343	6	349
ILE	419	6	25	0	0	69	9	0	301	410	4	414
ILT	225	1	13	C	0	40	1	1	165	221	C	221
IME	334	2	22	0	0	48	8	0	249	329	6	335
INE	213	2	7	C	0	43	7	C	147	206	1	207
IRO	308	0	18	0	0	54	3	3	226	304	3	307
ISA	84	0	6	C	0	9	0	C	73	88	2	90
ISI	374	4	22	0	0	35	6	0	293	360	3	363
ISU	472	5	26	C	0	96	7	C	323	459	4	463
IVE	307	2	24	0	0	58	8	1	207	300	6	306
IVO	243	4	15	C	0	50	1	C	171	241	2	243
JUL	150	0	21	0	0	16	8	0	103	148	2	150
JUZ	101	0	15	C	0	7	4	C	66	94	C	94
KOR	61	6	23	0	0	9	3	0	20	61	9	70
MEG	199	12	47	C	0	10	10	C	119	198	13	211
MEM	229	17	67	0	0	15	5	0	105	209	17	226
MOR	160	2	20	C	1	26	3	C	96	153	5	158
OLA	86	0	0	0	0	25	0	1	59	85	1	86
PAR	101	0	26	C	0	9	2	C	61	97	5	102
PER	174	3	32	0	0	13	17	0	100	165	0	165
PLE	398	11	104	C	1	21	35	C	204	376	22	398
PLN	350	4	97	0	0	12	23	0	185	321	21	342
PLO	266	1	56	C	0	2	13	C	177	252	7	259
PLS	289	1	87	0	0	12	27	0	140	267	15	282
POR	203	4	21	C	0	51	5	1	115	197	C	197
SBA	265	1	19	0	0	41	9	0	190	260	2	262
SBI	266	7	26	C	0	56	24	C	141	256	3	259
SCO	154	3	21	0	0	10	5	2	105	146	5	151
SLE	277	12	15	C	0	67	16	C	159	269	4	273
SMA	425	10	35	0	0	101	16	0	251	413	9	422
SSE	199	2	17	C	0	33	5	C	133	190	8	198
SVA	203	3	20	0	0	32	4	0	141	200	8	208
SUE	249	0	11	C	0	51	8	C	170	240	1	241
SUO	121	2	3	0	0	28	3	0	85	121	2	123
THA	109	3	14	C	0	12	3	C	71	103	3	106
UNG	58	1	1	0	2	1	0	0	54	59	5	64
URU	151	1	11	C	0	10	8	C	113	143	5	148
VEM	235	4	29	0	0	21	7	1	165	227	13	240
VIE	95	2	15	C	0	12	43	C	16	91	7	98
UPS	126	0	0	0	0	14	0	0	110	124	0	124
RMG	87	0	0	C	0	20	0	C	66	89	C	89
Tot.	17524	345	2362	0	19	2307	761	14	11103	16911	558	17469
Bispos	87								86			86
Não Cat.	20								20			20
Tot.	17631	345	2362	0	19	2307	761	14	11103	17017	558	17575

5.7 Irmãos falecidos (1992 - 1ª lista)

“A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor. Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão” (Const. 94).

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
P ABBADESSA Giuseppe	Palermo	06.03.92	83 ISI
L AKABAE Hiroshi Yohanne	Sakuramachi	14.01.92	67 GIA
E ALEMAN Miguel Angel	Buenos Aires	11.03.92	69 —
<i>Foi por 7 anos Administrador Apostólico de Viedma e por 17 anos Bispo de Rio Gallegos (Argentina)</i>			
P ARANDA CRESPO Gregorio	Madri	26.02.92	58 SLE
P BAKEN Jacques	Melsbroek (Bélgica)	24.12.91	75 AFC
P BARA Raphael	Jorhat (Bélgica)	06.02.92	77 IND
P BATTISTELLA Domenico	Foglizzo	02.02.92	70 ICE
P BECHIS Giuseppe	Canelli	08.03.92	78 INE
P BERGAMASCO Ferdinando	Vercelli	15.02.92	66 INE
P BERLANGA JIMENEZ Baldomero	Córdoba	16.02.92	79 SCO
P BRANDSTETTER Ulrich	Buxheim	14.03.92	84 GEM
P BROSSA Michele	Turim	21.01.92	72 ISU
P CALOVI Carlo	Negrar (Verona)	13.01.92	77 IVO
P CALVET Jean	Lesignan-La-Cebe	07.02.92	67 FLY
P CAMILLERI Antonio	Malta	10.03.92	78 IRL
P CAPOBIANCO Luis	Buenos Aires	21.01.92	34 ABA
P COEREZZA Mario	Hong Kong	14.01.92	74 CIN
P CORCORAN Patrick	West Haverstraw	13.01.92	85 SUE
P DIAZ RIVAS Faustino	Madri	09.03.92	85 SMA
P DOMBEK Fedrich	Ostrava-Zabreh	24.01.92	76 CEP
P FURLANETTO Giovanni	Varazze	04.02.92	88 ICE
P GUASTAFERRO Vincenzo	Castellamare di Stabia	27.02.92	70 IME
P HASILÍK Metodej	Ostrava-Trebovice	28.10.91	78 CEP
P HERIBEL Jacques	Caen	23.11.91	70 FPA
L JERIC Ivan	Trstenik	25.12.91	80 JUL
S JEYASELVAM Joseph	Tanjavur	25.02.92	21 INM
E KOCHUPARAMBIL Mathai	Nova Delhi	04.03.92	52 —
<i>Foi por 5 anos Inspetor e por 8 anos Bispo de Diphu (Índia)</i>			
P KUTSCHE Francisco	Buenos Aires	05.09.91	92 ABA
P LOBO Cajetan	Bombaim	07.01.92	79 INB
P LOMBARDI Sincero José	Buenos Aires	12.06.91	79 ABA
P MARINGONI Alessandro	Banpong	25.02.92	79 THA

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
P MARTINI Aldo	Jerusalém	16.02.92	83 MOR
L MAURIELLO Giovanni	Castellammare di Stabia	10.03.92	88 IME
P McQUAID Patrick	Dublin	09.03.92	76 IRL
L OLIVERO Carlo	Turim	02.03.92	76 ISU
P PADOVANO Andrea	Castellammare di Stabia	04.03.92	76 IME
L PARDO Miguel Alfonso	La Ceja	29.01.92	77 COM
P PEREGO Antonio	Sesto San Giovanni	07.01.92	68 ILE
P PERON Louis	Guingamp	21.01.92	60 FPA
P PISELLO Giuseppe	Catania	12.03.92	77 ISI
P RINALDI Giuseppe	Turim	03.03.92	78 ISU
P ROA BLECK Alejo	Santiago	17.12.91	92 CIL
L RUBATTO Giovanni	Roma	01.03.92	84 RMG
L SACCOMANO Leone	Verona	06.01.92	94 IVO
P SANSOÈ Giovanni	Roma	06.03.92	69 IRO
P SEITA Giuseppe	Turim	06.03.92	78 ISU
L SENICA Drago	Ljubljana	10.11.91	74 JUL
P SIONEK Inacio	Mogofores	18.01.92	85 POR
P TOPOREK Zenon	Oswiecim	16.02.92	40 PLS
P UBEDA GARCIA Antonio	Barcelona	26.01.92	73 SMA
P URBANCZYK Engelbert	Mühldorf am Inn	08.01.92	78 GEM
P VALENTINI Eugenio	Roma	12.01.92	86 UPS
P VAN DER BIEST Remi	Buken (Bélgica)	10.02.92	78 AFC
L VERONESE Giuseppe	Campo Grande	16.05.91	90 BCG
P WEIKART Josef	Amrisvil (Suíça)	16.03.92	77 GEM
P WIERTELAK Marian	Wrzesnia	17.02.92	76 PLO
L ZENZOLO Onelio	Turim	23.02.92	89 ICE



Composto e Impresso pelas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua Dom Bosco, 441 - Fone: 277-3211
03105 - Mooca - São Paulo - SP